

a Liahona

SETEMBRO DE 1965

STEREO

CBS MASTERWORKS

O PAI NOSSO

CÔRO DO TABERNÁCULO MORMON, **Dr. Richard P. Condie,** *Diretor*

THE PHILADELPHIA ORCHESTRA - EUGENE ORMANDY, Regente

Alexander Schreiner e Frank W. Asper, *Organistas*



Pai Nosso *(The Lord's Prayer)*
Vinde, oh Santos! *(Come, come ye Saints)*
Bem-aventurados os que choram *(Blessed are they that mourn)*
Oh, meu Pai! *(O, my Father)*
Da Côrte Celeste *(How great the wisdom and the love)*
Sanctus, Sanctus, Sanctus *(Holy, Holy, Holy)*
Salmo 148 *(148th Psalm)*
Eis um menino nos nasceu *(For unto us a Child is born)*
As lamentações de Davi *(David's Lamentations)*
Londonderry Air
Vencendo com Jesus *(Battle Hymn of the Republic)*

CBS

MONAURAL - 60098

● Robertson: *Pai Nosso (The Lord's Prayer)*
Num arranjo relativamente novo, o Côro interpreta esta apreciada e conhecidíssima elocução cristã tal como se encontra na parte final do **Oratório do Livro dos Mórmons,** de Leroy J. Róbertson. A cena é o Continente Americano, onde Cristo ressuscitado aparece entre as suas "outras ovelhas" e lhes ensina o mesmo evangelho que transmitiu aos judeus, inclusive esta sublime oração. A música tem marcadas conexões com o passado mais em sua acentuação de duração do que na sua acentuação dinâmica, e em suas linhas melódicas que diferem das do Canto Gregoriano. A sinceridade do estilo é típica de Leroy J. Robertson, natural de Utah, cuja posição como compositor genuinamente americano começa a ser reconhecida, tanto na América do Norte como em outros países. Estudioso de Chadwick, Leichtentritt e Bloch, o dr. Robertson revela em sua música uma linguagem que provém principalmente das montanhas e campinas do oeste e dos seus profundos sentimentos sôbre família e religião.

● Billings: *As Lamentações de Davi (David's Lamentations)*
Tanto quanto sabemos, William Billings (1746-1800) foi o primeiro compositor nascido na América a fazer da música profissão. Era antes curtidor, porém sua insatisfação diante da monotonia dos salmos usados pela igreja na época levaram-no a trocar o couro pelas pautas musicais. Se bem que grande parte das suas composições fosse vigorosa (inclusive **Chester,** um hino cantado pelas tropas americanas durante a Guerra de Independência), êle nos deixou nesta peça uma expressão profundamente comovente do pesar de Davi pela morte do filho, Absalão. O arranjo de Elie Siegmeister é singelo, respeitando a simplicidade da melodia.

● Londonderry Air: *(Arr. de Ralph Baldwin)*
Uma das coisas que atraíram a atenção do artista romântico do século XIX, ao examinar a vida através de lentes côr-de-rosa, foi o folclore de seu próprio país. Por qualquer razão, êle sentiu que a alma da nação estava tôda inteira na canção anônima do povo. Não poderíamos citar maior justificativa para êste interêsse do que **"Londonderry Air"** — trabalho de muitos campônios, cada qual tendo contribuído com uma pequena alteração na melodia. O resultado é uma canção que tem sido descrita como "a melodia perfeita" — motivo de inveja para muitos dos mais talentosos compositores citadinos. Tal como é cantada neste disco, no tom de mi-bemol, o contôrno melódico sobe três vêzes para a tonalidade de dó. Passa, então, para o tom de mi-bemol e finalmente, justamente quando os entendidos diriam que se iria atingir o ponto culminante, êstes afáveis campônios elevam intuitivamente a melodia até atingir a nota sol.

● Gounod: *Sanctus, Sanctus, Sanctus (Holy, Holy, Holy) (Sanctus, da Missa Solene)*
A voz de Richard Storrs abre esta linda e inspirada parte da Missa de Santa Cecília. Esta composição, um dos fragmentos universalmente mais apreciados da Liturgia Católico-Romana, revela as características francesas de pureza e sentimento religioso graciosamente apuradas, tão evidentes nas obras de Saint-Saëns e Massenet tanto quanto nas de Gounod.

● McIntyre: *Da Côrte Celeste (How Great the Wisdom and the Love)*
Outro hino de Eliza R. Snow, musicado por Thomas McIntyre, canta a gratidão pelas intenções e motivos que levaram o Salvador a ser "um sacrifício sem pecado pela culpa."

● Holst: *Salmo 148 (148th Psalm)*
Em contraste com o gracioso sentimento do francês Gounod ergue-se esta rude, porém majestosa manifestação do inglês Gustav Holst. Baseado nu'a melodia do Saltério Genebrês (1543) de L. Bourgeois e numa versão em versos do Salmo por Joseph Bryan (1620), a obra começa com o côro em oitavas vigorosas. A seguir o órgão toma conta da melodia enquanto se ouve uma delicada exposição de terças paralelas em forma de acompanhamento coral. Logo o puro timbre das vozes femininas neutraliza as masculinas, após o que é levada a um final contrapontístico que bem poderia provir do autor de "A Arte da Fuga". Os baixos entram em cena em tons tranquilizadores com a melodia do hino num crescendo e modulada ritmicamente de forma a ser ouvida como tempo duplo. Sôbre isto as outras vozes ondulam um contraponto no compasso ternário original, tôdas as partes construindo um glorioso "Alleluia" que requer dos sopranos um si-bemol alto.

● Gates: *Oh, Meu Pai! (O, My Father)*
Não foi por coincidência que Eliza R. Snow, que possuia profundo conhecimento dos ensinamentos do Profeta Joseph Smith, escreveu os versos para um dos cânticos mais doutrinàriamente significativos do hinário mórmon. Cantado com a música de u'a melodia de James McGranahan, o texto exprime a profunda saudade de um espírito separado, pelo nascimento, do seu celestial ambiente, e seu constante desejo de rehaver a presença do Pai e Mãe Celestiais. O arranjo do dr. Crawford Gates (aluno de Howard Hanson e Leroy Robertson) reflete o interêsse dêste jovem e talentoso compósitor pelo colorido orquestral e coral, como se sente na trompa **obligato** no segundo verso, que soa nostàlgicamente junto às vozes masculinas quando estas cantam a alienação das almas a um mundo anterior.

● Wilhousky: *Vencendo com Jesus (Battle Hymn of the Republic)*
De uma experiência estética com as flôres de macieira de Londonderry, passamos para uma combativa versão do Segundo Advento como oferta final nesta coleção de música sacra nas suas mais diversas formas. Ao preparar o arranjo desta música, Peter J. Wilhousky transmitiu às palavras tradicionais de Julia Ward Howe uma apresentação orquestral-coral que nos traz simultâneamente à lembrança os sons de batalha e o esvoaçar de anjos. O ritmo acelera-se, é temporàriamente interrompido por uma secção pastoral na qual o côro masculino contempla "a beleza dos lírios", e, depois, parte para uma exclamação final de "Glória! Aleluia! Amén!"

Notas de *JAY WELCH*
Diretor-Assistente do Côro do Tabernáculo

"CBS" Marcas Registradas - Industria Brasileira

Gravado nos EE. UU. por Columbia Records, uma divisão da Columbia Broadcasting System, Inc.

índice

A maior tempestade 6
João é inativo... por que? 10
Música na Reunião Sacramental 12
Artigo de capa 13
Quando pais e filhos discordam 18
Poesia 35

SEÇÕES

Mensagem de Inspiração 4
Sacerdócio Aarônico 8
Genealogia 14
Juventude da Promessa 15
Escola Dominical 20
Página Feminina 22
Sacerdócio de Melquisedeque 25
Meu Cantinho 26
Programa Noite Familiar 27
Sociedade de Socorro 33

a liahona

SETEMBRO DE 1965

VOL. XIX — N.º 9

Órgão oficial das Missões Brasileiras da
A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Editôres
Gustav Salik
Hélio da Rocha Camargo

Redatora
Laís N. Manzotti

Fotógrafos
Wayne M. Beck
Barney W. Cornaby

Tradutoras
Isabel P. Gaertner
Merly Pikel
Mirna Teixeira
Tereza Cristina da Rocha Costa

Circulação
Nilza Guimarães Aoto (MBS)

PREÇOS:

Exterior: ANO .... US$ 4.00
No Brasil: ANO ... Cr$ 500,00
Exemplar: ..... Cr$ 50,00

Missão Brasileira

R. Henrique Monteiro 215, C. P. 862, S. Paulo, SP, fone: 80-4638.

Missão Brasileira do Sul

R. Gen. Carneiro 490, C. P. 778, Curitiba, PR, fone: 4-8016

Os artigos desta edição foram traduzidos de *The Improvement Era, The Instructor, The Relief Society Magazine* e *The Children's Friend.*

Registrado sob Nº 93 do Livro B, Nº 1 e Matrículas de Oficinas Impressoras Jornais e Periódicos, conforme Decreto Nº 4.857, de 9-11-1930. Composto e impresso na Edit. Gráf. Rossolillo Ltda. - R. Rui Barbosa, 333, S. Paulo.

Jóias do Pensamento



RICHARD L. EVANS

FÔRÇA E LUTA

A frase de Longfellow sugere um assunto: "Creia-me, todos os homens possuem tristezas secretas, que o mundo não conhece; freqüentemente chamamos alguém de frio, quando está apenas triste." O fato é que tôdas as pessoas têm seus problemas e a vida pode ser e geralmente é uma luta de tal magnitude, que nos maravilhamos da maneira como certas pessoas enfrentam seus problemas e bravamente perseveram até o fim. Parece justo que a luta demonstre o que somos, pois é através dela que conseguimos a fôrça. Muitos anos atrás, Phillips Brooks fêz um sermão a que chamou "Um mar de vidro mesclado de fogo", no qual disse: "...quando um homem conquista seu adversário e sobrepuja suas dificuldades, não é como se nunca os houvesse encontrado. Êsse poder estará em tôda sua vida futura. Não são apenas eventos em sua história passada, mas elementos de seu caráter presente. Seu corpo guarda não só o registro, mas a fôrça de tudo por que tenha passado. Êle é forte pela... fôrça de julgamento..." Mas existem alguns, diz você, que vivem pura e simplesmente neste mundo... e depois vão seguramente para o céu; são pessoas que nunca lutaram e nunca souberam o que é lutar ... nunca tiveram um desapontamento, um problema de saúde — homens sôbre os quais o sol brilha... O que devemos dizer sôbre êles? Se pensamos assim, é porque não sabemos o suficiente. "Ninguém sabe o pêso do fardo dos outros", disse George Hebert. "Você pode procurar tôda vida por alguém que não tenha problemas ... pode olhar os caminhos do céu, perguntando como chegaram lá, e ainda procurará em vão por um homem moral e espiritualmente forte, cuja fôrça não tenha conseguido através da luta..." Não pense existir alguém que nunca lutou por sua felicidade e sucesso... Não existem exceções em lugar nenhum. Tôda fôrça é conseguida pela luta. "E novamente, eu quisera que aprendesses que sòmente é salvo aquêle que resiste até o fim." (D&C 53:7)

Mensagem de Inspiração



Presidente
David O. McKay

Maior Confiança, Maior Alegria

Cremos que o lar é o centro, o baluarte da verdadeira civilização. Não aceitamos a ideologia que acredita não existir um Deus, onde o Estado é supremo e tem contrôle sôbre o indivíduo. O lar é o centro da civilização, cujas responsabilidades estão a cargo dos pais.

A Igreja é uma ajuda no ensino das crianças; assim também é o Estado, mas nenhum dêles é supremo. O Senhor mesmo disse:

"Pois será lei para os habitantes de Sião, ou para os de qualquer de suas estacas organizadas.

"E êles também ensinarão suas crianças a orar e a andar em retidão perante o Senhor." (Doutrina e Convênios, 68:26, 28)

Essa é uma lei.

O maior privilégio que o homem e a mulher podem ter é o de dar vida a uma criancinha. Se um homem estiver associado a pessoas que roubem, quer seja um banco, repartição federal ou estadual, é detido e mandado para a prisão. Se uma pessoa, em posse de segredos de estado revela-os e trai sua pátria, é chamado de traidor. O que pensará, então, o Senhor, daqueles pais, que por negligência e egoísmo falham na criação de seus filhos, provando-se indignos da maior confiança depositada no homem? Êle disse: "...sôbre a cabeça dos pais seja o pecado." (Idem, 68:25)

Gostaria de dar uma lista das várias condições para um lar feliz, não apenas aos jovens, mas também aos maridos e espôsas.

Primeira: Como contribuinte para um lar feliz — você, jovem — tenha sempre em mente que deve possuir o alicerce de um lar feliz *antes* do casamento. É durante a adolescência e juventude que se deve lembrar de ser leal a seu futuro marido ou espôsa. Essa lealdade consiste em manter-se puro, evitando tudo que possa sangrar a

consciência quando depositar o primeiro beijo nos lábios de seu cônjuge eterno.

Segunda: Escolha seu par por inspiração e julgamento, bem como pelo sentimento.

Terceiro: Acerque-se do casamento com o elevado julgamento que êle merece. É uma ordenança de Deus; não é algo a ser começado levianamente, mediado em prazer e terminado à primeira dificuldade surgida. Em nossa Igreja, temos o mais alto ideal de casamento jamais conhecido. Admoestamos os jovens a viverem de maneira a serem dignos de entrar na Casa do Senhor.

Quarta: O mais nobre propósito do casamento é a procriação. O lar é a infância da criança. O Salvador censurou os discípulos quando êstes expulsaram as mães e as crianças que desejavam tocá-lO. Disse: "Deixai vir a Mim os pequeninos e não os impeçais; porque dos tais é o reino de Deus." (Marcos 10:14) A felicidade no lar é acentuada pela presença das crianças, brincando, nos joelhos dos pais ou recebendo as carícias da mãe.

Quinta: Deixe o espírito de reverência impregnar o lar, de modo que, se o Salvador chegar inesperadamente, possa ser convidado a entrar sem sentir-se fora de Seu elemento.

Sexta: Que o marido ou a espôsa nunca falem com vozes alteradas. Ao enumerar êsses fatôres fundamentais, menciono também os juramentos, um vício que deve ser estranho aos lares de santos dos últimos dias.

Sétima: Aprendam o valor do auto-contrôle. Creio ser a falta de auto-contrôle um dos fatôres mais comuns a contribuirem para a discórdia e infelicidade no lar. Penso que as crianças devem ser controladas devidamente, não lhes sendo permitido sair dos limites de suas ações, para não afetarem os outros membros da família. Isto significa que devemos ser cruéis com as crianças? Não! Que devemos bater nelas? Não, não é necessário!

Quero dizer com isso que, quando você disser um "não", deve mantê-lo.

Oitava: Aumente os laços do lar através do companheirismo; é êsse sentimento que aumenta o amor. Quando os cônjuges cumprem a palavra empenhada no casamento e fazem o convênio de serem fiéis um para com o outro, esforçando-se por aumentar êsse amor, êle permanece para a eternidade. Não há nada mais bonito do que o companheirismo entre marido e espôsa e a confiança e amor dos filhos em um lar santo dos últimos dias.

Nona: Propicie boa literatura, boa música e filmes apropriados às crianças.

Décima: Por exemplo e preceito, encoraje a participação nas atividades da Igreja, estabelecendo dois ideais de vida: primeiro, construir o caráter e, segundo, prestar serviços. Deixe as crianças sentirem que podem fazer o lar mais feliz, pagando os sacrifícios dos pais, formando, assim, um caráter mais nobre — justamente o que os pais esperam dos filhos.

Seu maior dever, filho ou filha, é o de verificar se sua vida e seu caráter refletem o merecimento de seus pais. A responsabilidade dos filhos, de serem dignos dos pais nobres que possuem, é uma das maiores do mundo, para que no lar possa se desenvolver um dos mais importantes objetivos da vida, ou seja, o caráter fortalecido através de serviços na Igreja, bem como por cortesia e consideração dentro do lar.

Pais, que o Senhor os abençôe ao construirem um lar santo dos últimos dias e que possa ser através da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias que o ideal da construção dêsse lar seja alcançado, para que o mundo todo possa olhá-los com admiração!

A MAIOR TEMPESTADE

Marcus Smith



— Paulo, venha cá depressa! Ouvi a voz de minha mãe no meio do barulho do vento. A casa estava escondida pela tempestade, que crescia de intensidade a ponto de fazer a neve cobrir o celeiro e a cêrca.

— Já vou, mamãe, respondi, mas ela não ouviu. O vento apanhou as palavras e levou-as para longe, fazendo-as parecer um lamento perdido na fúria da tempestade.

Comecei a andar em direção à casa, passando pela pesada neve. As pegadas que deixara alguns minutos antes haviam desaparecido e a neve começava a cegar-me. Era a pior tempestade que eu ou meu pai ou qualquer outro jamais vira. Mesmo agora, dezesseis anos depois, quando penso naquele ano tão duro para nós e nossos vizinhos, ainda estremeço de horror. Parecia, naquele janeiro de 1948, que quase tudo, feito por meus pais e avós, seria levado pela tempestade. Éramos criadores de ovelhas, com um pequeno rancho, mas tínhamos uma casa confortável e a adorávamos. Criar ovelhas era a única coisa que sabíamos e queríamos fazer. Mas as ovelhas estavam passando fome e frio; não conseguíamos alimentos para elas.

Mamãe estava na varanda, com um cobertor sôbre os ombros, seu cabelo esvoaçando ao vento. A neve redemoinhava em volta dela, fazendo-a parecer mais baixa do que era e mesmo mais frágil, mas também mais bonita. Eu amava minha mãe naquele momento, como jamais amara. Há mais fôrça ali, disse a mim mesmo, do que em dois homens com o dôbro de seu tamanho.

— Paulo, o que estava fazendo no meio da neve? Parecia zangada, mas seus olhos sorriam e sabia que não estava brava. Mas tinha o direito de estar. Eu merecia o que iria dizer-me.

— Quis apenas ajudar papai, respondi.

— Mas você não deve ficar no meio dessa neve tôda, que não é lugar para um menino de dez anos. Além do mais, seu pai está a quilômetros de distância com as ovelhas, e você sabe disso.

— Mas êle precisará de ajuda com tôda essa neve!

— Não se preocupe com isso. Entre em casa e fique lá. Já tenho bastante preocupações e não quero saber de você fora de casa.

Estava quente, lá dentro. O barulho do crepitar da madeira queimando, vindo da cozinha, era confortador. A sala estava impregnada com o aroma do leite no fogo.

— Tome, disse mamãe, despejando o leite na caneca. Beba isto. Você deve estar gelado.

Bebi o leite devagarinho, saboreando-o. Uma coluna de vapor saiu de dentro da caneca, misturando-se com o ar. O leite estava gostoso. Senti-me bem, pois estivera mesmo gelado.

— Seria bom se papai pudesse tomar um leite quentinho como êste. Aposto que está bem frio onde êle se acha com as ovelhas, disse tristemente.

Ela estava quieta, com o olhar distante e as sobrancelhas franzidas. Preocupava-se com papai e compreendi que a havia preocupado mais ainda com minhas palavras. Prometi a mim mesmo não dizer mais nada a respeito, até que papai pudesse estar novamente conosco em casa. Mas eu também me preocupava com êle, lá fora naquele frio, sem ninguém para ajudá-lo,

se algo acontecesse. Via-o lutando contra a neve, tentando salvar as ovelhas dos perigos. Sabia que trabalharia a noite inteira para trazer as ovelhas a salvo. Mas, mesmo depois que a tempestade passasse, quando não houvesse mais perigo das ovelhas perderem-se, como as alimentaríamos? Como conseguiríamos fazer com que se salvassem nas próximas tempestades?

— Vamos orar pelo papai, disse mamãe. Vamos ambos orar por êle. Sòmente o Senhor pode olhar por êle e ajudá-lo.

Orei bastante, como nunca havia feito antes. Orei para que papai pudesse estar bem e que a tempestade cessasse, para que não precisasse mais sair à noite. Orei pedindo para as ovelhas não morrerem. Mas, acima de tudo, orei para que papai estivesse a salvo:

— Por favor, Senhor, ajude papai a estar a salvo, mesmo que as ovelhas morram e a tempestade continue eternamente; mas que êle esteja a salvo.

Quando me levantei, vi lágrimas nos olhos de mamãe. Os cabelos cobriam seu rosto, seu queixo tremia; mas, ainda assim, parecia forte quando disse:

— Foi uma oração maravilhosa, meu filho. O Senhor a responderá.

— Espero que sim, mamãe. Espero que sim.

Sentamo-nos quietos por alguns minutos, escutando o uivar da tempestade. A casa parecia estremecer ao ruído do vento. A neve continuava a cair, cobrindo as janelas.

— Acho melhor lavar a louça agora e depois ir para a cama, para estarmos descansados quando papai chegar, mamãe disse, interrompendo meus pensamentos.

— Posso enxugar a louça? — Mamãe nunca me pedia para fazê-lo, mas eu gostava de ajudá-la; depois que terminávamos, sempre me dava alguma recompensa — um pedaço de chocolate ou balas.

Enquanto enxugava, um pensamento veio à minha mente:

— Mamãe?

— Sim.

— Nós pagamos nosso dízimo?

— É claro, filho.

— Quero dizer, sempre o pagamos?

— Sim, sempre o pagamos. Por que pergunta?

— Bem, estava só pensando. Às vêzes, algumas pessoas não o pagam completamente e se não recebem resposta às suas orações, é por causa disso.

— Não sei, talvez seja. Não nos é possível saber como o Senhor age em Sua sabedoria. Mas esteja certo que o Senhor age sempre da melhor maneira.

Pensei comigo que era verdade, mesmo. Às vêzes, os métodos do Senhor são desconcertantes para mim, que sou criança, mas meus pais haviam-me ensinado a ter fé e a não me preocupar muito.

Quando terminamos de lavar a louça, colocamos uma lamparina na cozinha e subimos para nossos quartos.

Foi difícil conseguir dormir aquela noite. Continuava pensando em papai que estava lá fora, com as ovelhas; cada vez que adormecia, acordava repentinamente com o barulho do vento e orava novamente por papai. Creio que era bem tarde quando finalmente dormi. Mas durante o sono sonhei com papai. Sonhei que estava pastoreando as ovelhas, e nevava como nunca; mas, de repente, a nevasca parou, o sol começou a brilhar e derreteu tôda a neve, começando a aparecer a grama verdinha, que as ovelhas comeram e, assim, foram salvas da fome. Sonhei que tôdas as ovelhas do mundo estavam salvas e que nunca mais haveria tanta neve como aquela.

Foi um barulho na cozinha que me acordou. Olhei por uma fresta da janela; o sol não havia nascido ainda, mas o céu estava claro e sabia que a tempestade amainara. Vesti-me tão ràpidamente quanto possível e corri para a cozinha. Lá estava papai, com sua roupa cheia de neve. Havia tirado os sapatos; mamãe estava de roupão, fazendo panquecas.

— Nunca vi tempestade igual, declarou papai. Não se podia ver um palmo em frente do rosto. A neve continuava a cair e até pensei que nunca pararia. As ovelhas estavam pulando as cêrcas, e tive de reuní-las novamente. Quando pensei que não agüentaria mais, passou. Primeiramente a tempestade, depois a neve e o vento diminuiram; logo havia estrêlas no céu.

— Devia estar muito frio lá, exclamou mamãe.

— Sim, estava frio, respondeu papai. Mas um pouco de frio não mata a gente. Ah! Escutem, vocês não acreditarão numa coisa que aconteceu. Parece-me que a Secretaria da Agricultura vai fornecer feno para os criadores de ovelhas da região. Não estou bem certo, ainda. Quando vinha voltando, passei pela casa do Antonio e êle contou-me. Vai haver uma reunião na casa dos Mendonça esta tarde e lá saberemos tudo.

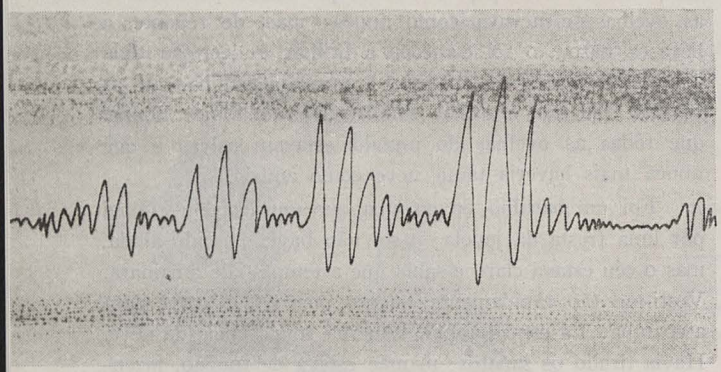
Papai parecia tão fortalecido, ali de pé! Tinha orgulho de êle ser meu pai. Não são todos os pais que passam uma noite assim, fora de casa, trabalhando para nós.

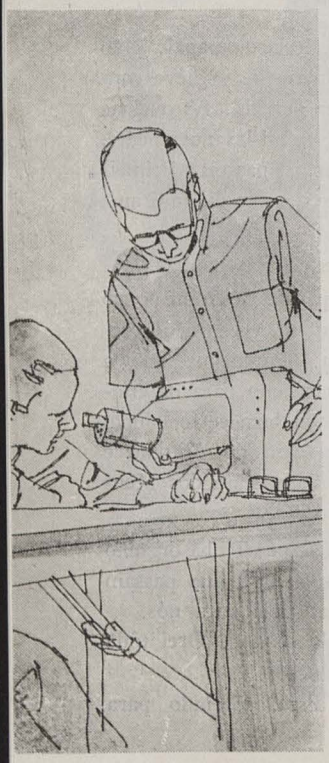
— Sabe, papai, nós oramos pelo senhor. Orei tôda a noite pelo senhor.

— Orei também, meu filho, disse, sorrindo para mim. Eu também orei...

Sacerdócio Aarônico

SE EU FÔSSE VOCÊ





Delbert F. Wright

A juventude de hoje defronta-se com um mundo excitante, maravilhoso e extraordinário. A sabedoria dos que viveram antes, o estudo e experiências de homens sábios e bons, de outrora e de hoje, estão contidos em livros, cartas, escritos e reportagens, se você dispender seu tempo e fizer esfôrço para procurá-los.

Um olhar ao futuro, nesta era espacial, é realmente algo a considerar — homens e mulheres realizando tarefas prodigiosas, com a ajuda de projetos eletro-mecânicos que automatizam a maioria dos trabalhos estafantes! As pessoas comunicam-se umas com as outras de qualquer parte do mundo em questão de segundos e, com um projétil, contornam o mundo a 32.000 quilômetros por hora. A índole inventiva do homem, ou seja, sua imaginação criadora, com o auxílio do céu, estão abrindo novos campos na eletrônica, mecânica e engenharia, na medicina e agricultura, progressos tais que nossos avós nunca sonhariam.

Tudo isto fala em voz clara, alta: "Buscai sabedoria". Decida-se na adolescência a buscar boa educação, pois os campos acima requerem homens bem treinados para tratar e desenvolver os mesmos. Não deixe outra atividade interferir no trabalho importante de treinar sua mente. Cultive bons hábitos de estudo e de saúde, pois um corpo vigoroso e uma mente sadia serão essenciais no cumprimento da missão de sua vida.

Mantenha a educação viva em seu coração, torne-a um escudo brilhante contra as atrações temporárias do mundo, que poderão desviá-lo da meta traçada. Desta maneira, você poderá reter o entusiasmo de aprender, pois a juventude não é só um período da vida, mas um estado de espírito, em que a coragem predomina sôbre a timidez, e você nunca cessa de maravilhar-se e regozijar-se com as coisas que o céu e a terra descerram aos nossos olhos, aos olhos dos sinceros procuradores de ensinamentos.

Seja curioso. Grandes progressos são feitos porque os homens procuram respostas para as maravilhas que estão ao nosso redor. Porque um bacteriologista estava curioso sôbre certas reações físicas que estavam sendo realizadas em mofos, temos hoje a penicilina. Por causa de um médico engenhoso que observou o inexplicável desaparecimento da artrite no paciente em que fôra feita uma mudança no equilíbrio dos hormônios, as combinações de cortisona foram inventadas. Mas a mais formidável e decisiva descoberta de nosso tempo, a energia termonuclear surgiu porque alguns homens estavam curiosos, querendo saber a razão do sol não perder seu calor tão ràpidamente quanto a perda de energia através da radiação parecia sugerir.

E com êsses ensinamentos, não descuide das necessidades espirituais do homem. Sua alma é de natureza dupla, física e espiritual, e ambas precisam ser cuidadas e educadas. Muitos homens têm feito planos para aprender, baseando-se em coisas materiais sòmente, e mais tarde os vêem desmoronar-se, deixando apenas um vácuo em suas vidas.

O mais importante conhecimento que podemos obter é a respeito de Deus. Está escrito: "E a vida eterna é esta: que Te conheçam a Ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste." Êste conhecimento importante pode ser seu, se deixar o Espírito Eterno ter um lugar em seus planos. Muitos estão afastados do Senhor por causa de seus credos confusos e suas definições humanísticas sôbre Êle. Mas você pode conhecê-lO e entendê-lO através dos profetas vivos, que testificam sôbre Êle, por revelação.

Há grande diferença entre a oração a Deus, como Cristo ensinou, "Nosso Pai que está nos céus", e uma petição duvidosa a um ser desconhecido, indefinível, às vêzes descrito como "energia cósmica" ou "energia universal", ou ainda, "a primeira grande causa".

Admita-se que é difícil desenvolver uma grande fé ou convicção a respeito de um ser tão etéreo e remoto. Um jovem pode ouvir uma alusão vaga a respeito da natureza de Deus, o Criador, através de Seus atributos, mas apenas a confusão pode resultar quando êstes atributos são admitidos como o ser, isto é, Deus. Certamente, Deus é bom, misericordioso, justo, amoroso — tudo isso e muito mais, mas estas coisas são qualidades. Em Sua perfeição, Deus é muito mais do que qualquer dessas qualidades ou tôdas elas juntas.

Muito da confusão do mundo a respeito de Deus surge por causa das próprias noções sôbre Êle e Sua relação com o homem e o universo, pois supomos que Êle não tem razões e meios de revelar-Se através de comunicações espirituais. Mas você sabe que Deus é o mesmo nestes dias como o foi nos dias de Israel e tem um igual desejo de nos ajudar, através da revelação a Seus servos, os profetas.

Quando você pensa em Deus como o causador da criação, preocupando-Se com o propósito e destino do homem, o que faz no mundo, então a revelação vem naturalmente. Não deixe os homens definirem Deus por você, algemando ou tergiversando-o com limitações humanas. É melhor aprender o que o Profeta Joseph Smith disse sôbre Êle: "o Pai tem um corpo de carne e ossos, tão tangível como o do homem; o Filho também. O Espírito Santo não tem um corpo de carne e ossos, mas é um personagem de espírito. Se assim não fôsse, o Espírito Santo não poderia habitar em nós."

Com êste verdadeiro conhecimento da natureza de Deus, você poderá orar a Êle com segurança e compreensão, sabendo que seus pedidos serão atendidos.



João é inativo... por que?

Wilford D. Lee

Tôdas as atenções estavam voltadas para o Professor do Lar, enquanto lia a seção setenta e seis de Doutrina e Convênios, a respeito dos três graus de glória.

Ao terminar, disse:

— Agora, como santos dos últimos dias, nosso objetivo nesta vida é o de procurar ganhar, não o reino telestial ou terrestial, mas o celestial. Se quisermos ganhar o Reino Celestial, os homens terão de possuir o Sacerdócio de Melquisedeque e deverão casar no templo.

Fêz uma pausa, pensativo.

João Lima era um bom homem, gentil e amável com sua família, um bom vizinho, honesto em seus negócios; mas era inativo na Igreja.

A irmã Clara queria desesperadamente ser casada no templo, mas durante os doze anos de seu casamento, não havia conseguido persuadir o marido de que deveria preparar-se para tal. Como em muitos casos, João Lima admitia que deixaria de fumar e aceitaria um cargo na Igreja. Havia dito isso muitas vêzes, mas existia algo dentro de si que o impedia. Tinha muitas desculpas: em seu serviço, todos os companheiros fumavam, suas horas de trabalho eram incertas, por isso era inconveniente ir à Igreja ou ter um cargo. Mas ainda assim, havia muitos homens com dificuldades semelhantes, ou ainda maiores, que continuavam ativos na Igreja.

Para os Presidentes do Ramo e Distrito, para os Professôres do Lar e principalmente para os responsáveis pelo Sacerdócio Aarônico, o caso de João Lima e outros idênticos, consistiam em problema de teimosia. Êste homem sabe que o evangelho é verdadeiro. Ama sua espôsa e filhos. Sabe que para ganhar o grau celestial precisa ser ativo na Igreja. Sabe que sem o Sacerdócio de Melquisedeque e sem o casamento no templo perderá êsse objetivo celestial. Sabe o que deve fazer, mas não o faz.

É evidente, neste caso, como em muitos outros casos de inatividade, que o conhecimento não controla a

atitude. Se não agimos conforme nosso conhecimento, se não agimos por causa do que pensamos, então, o que controla nossas ações?

Muito tem sido escrito sôbre a motivação humana: temos nossas pretenções, nossos desejos, bem como nossas ambições e aspirações. Sofremos pressão familiar, social, profissional e política. Mas com tudo isto está o sentimento, a emoção, a atitude que primàriamente controla a ação. Assim, algum sentimento subconsciente evita que João se torne ativo na Igreja. Podemos, então, admitir que êsse pensamento não é herdado. Precisa, através de algum processo, ou de experiência prévia, ser aprendido.

O aprendizado pode ser classificado em três tipos gerais. Primeiro, memorização e conhecimento. Segundo, desenvolvimento dos hábitos. Terceiro, crescimento do sentimento e atitudes. Êstes três pontos não se operam separadamente, mas são simultâneos. São separados apenas por conveniência de estudo.

A maioria dos professôres dispende grandes espaços de tempo repetindo fatos, exercitando a memorização dos alunos. Constantemente fazem testes, para ver se aprenderam o que foi ensinado.

Em muitos casos, os professôres dão ênfase ao "jeito". Em matemática, em economia doméstica, em educação física e atividades similares, os professôres julgam a realização pelo modo e tipo de habilidade que os estudantes adquirem.

Raramente encontramos aulas que são criadas para ajudar os estudantes a adquirir sentimentos e atitudes desejáveis. O lado emocional da vida dos estudantes é encaixado nas classes e nos cursos, dependendo da sensibilidade do professor ou diretor.

A Igreja preocupa-se imensamente com o procedimento das pessoas. Há um grande feixe de evidências a indicarem que, principalmente em procedimentos morais, as pessoas não agem de acôrdo com o conhecimento: por exemplo, a maioria das pessoas obesas compreendem que se quiserem diminuir de pêso, precisam diminuir a comida; mas raramente o fazem. A maioria dos médicos sabe que o fumo prejudica a saúde, mas quase todos êles fumam. As pessoas que bebem demais, sabem dos efeitos do álcool em sua saúde, afetando também a sociedade. As pessoas envolvidas em divórcios, sabem as conseqüências dêsse ato para as crianças e as famílias.

Em vez de agirem de acôrdo com o que sabem ser o melhor, agem estritamente de acôrdo com seus sentimentos. As pessoas obesas são assim pelo sentimento em relação à comida. Os médicos que fumam, como as outras pessoas, gostam de fumar; as pessoas que bebem em excesso põem acima do conhecimento seus desejos e emoções. Os advogados sabem que as causas reais dos divórcios são as causas emocionais: frustrações, ódios, desapontamentos, irritações. Se tivermos que descobrir as verdadeiras razões da atitude de uma pessoa, precisamos descobrir seus sentimentos.

O cientista, por exemplo, senta-se na cadeira e toma nota cuidadosa de cada detalhe do experimento que realiza, parecendo agir por causa dos conhecimentos e pensamentos. Contudo, o sentimento é o que motiva suas ações. Se não se sentir favorável ao experimento, não o fará expontâneamente. Se fôr pago para fazer um serviço que não gosta, seu desejo pelo salário será maior do que seu desagrado pelo trabalho. Assim, em muitas atividades, encontramos os sentimentos misturados. Em cada caso, o sentimento que na ocasião fôr maior, inicia e controla a ação.

Temos na Igreja inúmeros casos de afastamento. Muitos homens que possuem o sacerdócio maior e que já fizeram serviços na Igreja, sentem-se ofendidos por alguma coisa e se tornam inativos. É um problema reativar tais homens. Não é seu conhecimento ou falta de conhecimento que os torna inativos: são seus sentimentos. Por essa razão, quando estamos tratando com tais pessoas, precisamos descobrir quais são seus sentimentos verdadeiros, para tentar mudá-los.

Estas reações emocionais adversas são aprendidas, mas o processo pelo qual as pessoas desenvolvem os sentimentos e atitudes não significa sòmente aprender. Nenhum conhecimento real é adquirido sem uma ou várias experiências. Através destas, ganhamos conhecimentos e desenvolvemos habilidades. Mas, assim fazendo, também desenvolvemos um sentimento que pode ser favorável ou desfavorável. Por exemplo, quando um guia leva pela primeira vez seu grupo de escoteiros a um acampamento nas montanhas, ajuda-o a ter maiores conhecimentos da natureza e a desenvolver suas habilidades, tais como armar uma tenda, fazer fogo, encontrar o caminho da volta. Os escoteiros adquirem, assim, um conhecimento sôbre acampamentos, que pode ser agradável ou não. Na maioria das vêzes é agradável; o ar fresco, a natureza, os ruídos os entusiasmam.

Mas, se por outro lado algum dêles fracassa na primeira tentativa, pode desenvolver um sentimento desagradável em relação aos acampamentos, de tal forma que nunca mais quererá tomar parte em nenhum, evitando-os. Assim, agimos de acôrdo com o que sentimos.

A maneira de associar sentimentos às coisas — atos, pessoas, lugares, idéias ou conhecimentos — é chamada "condicionamento". É o modo de aprender que se processa simultâneamente com a aquisição e desenvolvimento de habilidades; é a base do que gostamos ou desgostamos. É o que nos leva favorável ou desfavoràvelmente em direção ao conhecimento. É o processo pelo qual agimos. E, por falar nisso, é o principal ingrediente de um testemunho e do processo pelo qual o obtemos.

O processo de condicionamento é mais ou menos como o de banhar em prata. Uma barra é imersa numa solução contendo sais de prata. Quando uma corrente elétrica passa na solução, os sais de prata se desintegram e a prata adere ao metal; se esta fôr deixada na solução por pouco tempo, a camada de prata será fina e logo cairá. Se, contudo, fôr deixada num maior período de tempo, uma camada mais espessa aderirá ao metal, o que fará com que dure mais tempo.

Da mesma maneira, as emoções condicionantes afetam as pessoas. Por exemplo, tomemos um rapaz que teve dificuldade com seu pai no domingo de manhã. Cheio de rancor, preocupado, assiste a reunião, a separação de classes; nesta, torna-se insuportável e a professôra, desesperada, manda-o para fora. Tôda a experiência é saturada de emoções desagradáveis. Embora volte à Escola Dominical depois disso, sua hostilidade pode continuar a ponto de êle não mais a apreciar e, a menos que algo mude seus sentimentos, sempre encontrará uma desculpa para não assistí-la. Muitos membros inativos têm tido experiências iguais.

(cont. p. 34)

Música na Reunião Sacramental



J. Spencer Cornwall

Quando Martinho Lutero iniciou os cânticos congregacionais nos serviços de igreja, deu aos fiéis a mais potente e valorosa participação religiosa. A música tem sido serva da religião, mas quando emana dos próprios membros, torna-os parte integrante do serviço. Tiago disse, encorajando boas obras: "... não sendo ouvinte esquecido, mas fazedor da obra..." (Tiago 1:25)

A alta qualidade dos cânticos não é o que de maior valor obtemos, pois o mais importante é que haja uma expressão reverente por parte da congregação. Existe mais expressão entre os membros da Igreja, em seus hinos congregacionais, do que em qualquer outra atividade religiosa. É na união das vozes que podem ser encontradas as maiores recompensas congregacionais. Nenhuma outra música nos serviços da Igreja é tão importante quanto a da Reunião Sacramental.

O Senhor declarou Sua divina aprovação pela música nos serviços da Igreja, quando deu um mandamento a Emma Smith, através de seu marido Joseph Smith, para compilar um grupo de hinos para os santos cantarem:

"E na verdade te digo que deverás renunciar às coisas dêste mundo e buscar as coisas de um mundo melhor.

"Também, ser-te-á dado fazer uma seleção de hinos sacros, conforme fôres inspirada de acôrdo com o que é de Minha vontade, que se tenha na Minha Igreja.

"Pois Minha alma se deleita com o canto do coração; sim, o canto dos justos é uma prece a Mim e será respondido com uma bênção sôbre suas cabeças." (D&C 25:10-12)

Emma Smith fêz a seleção dos hinos, dos quais 29 foram escritos por William W. Phelps. Contribuiram, também, Parley P. Pratt, Eliza R. Snow e outros. Na compilação foram incluídos vários hinos já conhecidos, formando um total de 90 hinos, tendo sido publicados em 1835.

É uma grande honra ser autor de letras ou músicas de hinos. Essa honra tem-se perpetuado entre os descendentes dos autores e compositores dos hinos dos santos dos últimos dias.

Desde que é o dirigente quem conduz os hinos cantados pela congregação (em muitas igrejas o organista é também dirigente), sua função torna-se importante. Deve fazer com que todos iniciem juntos; que acompanhem as batidas do compasso, para que seja retratado o caráter do hino interpretado.

O organista deve sempre seguir os compassos do regente, tocando de maneira a produzir a melhor qualidade possível de som, num volume que possa ser ouvido por todos, não cobrindo, entretanto, suas vozes. O organista deve, também, tocar a parte final do hino, entre a segunda e terceira estrofes, para que a congregação descanse.

O organista e o regente devem formar uma unidade não só entre si, mas com a congregação.

Existem certos hinos que foram especialmente colhidos para início e término dos serviços da Reunião Sacramental, bem como hinos sacramentais.

Há, também, alguns hinos que servem para números especiais a serem apresentados durante as reuniões; podem ser cantados em solo, dueto, quarteto, etc. Pode ser formado um côro, pois é de grande inspiração para a Reunião Sacramental. Todos os ramos devem se esforçar para formar um côro, tendo, porém, bastante cuidado na escôlha dos hinos, principalmente da letra, que deve harmonizar-se com a doutrina da Igreja.

O Presidente Heber J. Grant disse certa vez: "A meu ver, o músico que presta pouca ou nenhuma atenção às palavras de um hino, destroi metade do seu valor. Quanto mais bonita fôr a música, cujas palavras pregam falsa doutrina, maior será o perigo. Faço um apêlo a todos os santos dos últimos dias, especialmente aos dos côros, que nunca cantem um hino, por mais bonito que seja, se não concordar com a doutrina da Igreja e as verdades do evangelho."

O órgão tocado com esmêro e num bonito tom acrescenta bastante beleza à reunião. O prelúdio, por exemplo, estabelece o ambiente para os serviços e também faz com que os membros sejam reverentes ao entrarem na capela. O organista deve procurar tocar hinos que preencham êsses dois propósitos.

A postlúdio tem ocasionado certas controvérsias entre os organistas e oficiais quanto à sua função. Geralmente, depois que a reunião termina, as pessoas começam a levantar-se e a fazer considerável barulho dentro da sala. Êle só tem valor real quando os membros mantêm o espírito de adoração ao deixarem a capela.

De maneira alguma poderá ser tocada música popular na Reunião Sacramental. Quando são apresentados números especiais, além do côro, tais como solos instrumentais e vocais, duetos, trios, etc., deve ser tomada tôda precaução para que cantem ou toquem de acôrdo com a ocasião. Êste ponto é de suma importância.

Provàvelmente, o mais flagrante desvio na escolha de músicas verifica-se quando há reunião de despedida de um missionário. Geralmente é êle quem prepara o programa, escolhendo pessoas do seu agrado e que cantam bem, mas que nem sempre estão preparadas para a ocasião.

Finalmente, devemos admitir que os hinos escolhidos pelo Senhor, para serem usados pelos santos, expressam o caráter da música a ser cantada na Igreja. Tôdas as outras músicas usadas nas reuniões dominicais, para serem apropriadas, deverão ter o mesmo caráter.

A música adequada e bem tocada sempre será agradável ao Senhor.

Artigo de capa

Pres. Hélio da Rocha Camargo

Nos "verdes mares bravios" do nordeste brasileiro, desde tempos imemoriais, a jangada é um símbolo. O nordestino comove-se ao falar nela. Exalta o heroísmo humilde e anônimo do jangadeiro com o ardor de quem se considera companheiro nas másculas virtudes do pescador intimorato. Honra-lhe a coragem, a resistência, o desprendimento, como quem apropria para si mesmo aquelas qualidades que nem sempre seria capaz de imitar.

O navio, a lancha, o barco, são inimigos do mar. Embora não confessem essa inimizade e vivam sôbre as águas, trabalhando nelas, cruzando-as de uma para outra parte, jamais confiam no oceano como amigo, cuja intimidade seja agradável buscar.

A jangada, ao contrário, vive em comunhão com o mar; não lhe resiste às ondas, não lhe rasga as entranhas, mas simplesmente desliza com leveza à tona das espumas, quase sem ferí-las.

As embarcações comuns são tidas por tão mais eficientes quanto mais conseguirem eliminar a intimidade com o mar. Os passadiços hão de lembrar varandas e corredores de hoteis; os salões, camarotes e escadarias, quanto mais semelhantes aos de uma residência em terra firme, mais admirados serão. A boa embarcação é hermèticamente vedada ao mar, para que nem uma gota de água se possa insinuar no seu interior. Portas, escotilhas, quaisquer aberturas, hão de ser feitas com tais precauções que, ao se fecharem, deixem de fora, isolado como um adversário temível, o mar; e não sòmente êle, mas inclusive o vento que o embala e agita, e até as aves que lhe sobrevoam o dorso, e as chuvas que o acariciam.

Ainda nas próprias expressões referentes à navegação, percebe-se disfarçadamente a surda inimizade entre o mar e as embarcações, que o "cortam", ou "sulcam". Navegar, para elas, é, portanto, como que arar a superfície do oceano: há de rasgar-lhe as águas com violência, enfrentar os ventos, lutar contra êles, e por isso mesmo, vez por outra o mar cobra o seu tributo, rompendo as defesas do inimigo, insinuando-se no próprio reduto do adversário, enchendo salões e camarotes, inundando porões e arrastando finalmente para o fundo dos abismos o orgulho e a ousadia de quem o desafiou.

A jangada, não. Ela não combate contra o mar, porque é, na verdade, uma querida amiga, cuja presença o oceano aprecia, cuja companhia o mar agradece. Não se lhe nega, não se isola, não o violenta. Pelos vãos de suas toras o mar passa livremente, lavando os pés dos jangadeiros quase como um cão amigo que afagasse o dono. Aquí as ondas não se quebram raivosamente contra um obstáculo, mas deslizam suavemente ao longo, bordando por instantes com a branca renda das espumas o lenho que flutua. O vento é um aliado que trabalha com o jangadeiro, e não um adversário a amaldiçoar e combater; um amigo que alivia o pêso das tarefas, embala a jangada nas calmas tardes de sol e leva-a em segurança ao pôrto de destino. As aves do mar pousam com alarido no tôpo do mastro, e os próprios peixes não temem a sua aproximação. A vela branca é um complemento da paisagem. Não há fumaça a enegrecer o céu, nem óleo a sujar a verde planície depois que a jangada passa; apenas paz e beleza pura, dotes que o Criador conferiu ao oceano no dia em que o fêz.

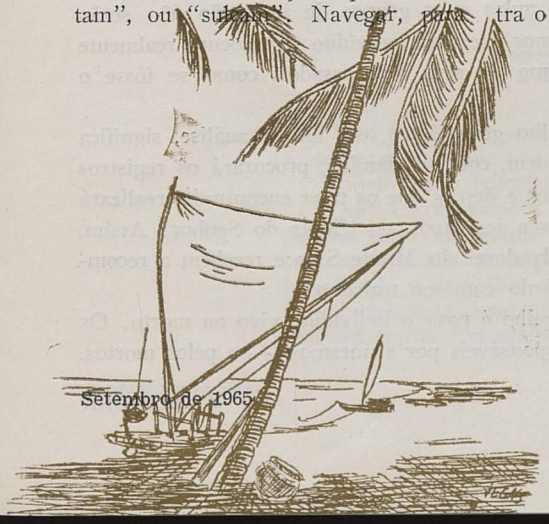
Por tudo isso, o jangadeiro é o único autêntico "homem do mar". Os que tripulam barcos, iates e navios, são "homens contra o mar", verdadeiros piratas, invasores de um reino que lhes não pertence. Muitos dêles, é verdade, depois de anos de luta contra o oceano, habituam-se ao inimigo, passam mesmo a admirá-lo, encantam-se com a sua beleza, mas ainda e sempre procuram manter uma prudente distância, um cauteloso isolamento.

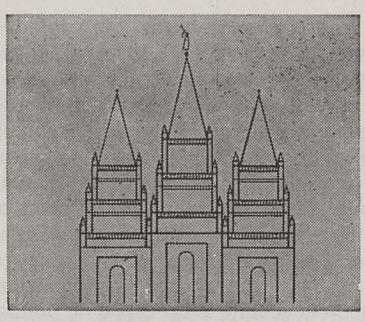
A jangada é, pois, um símbolo. Em sua extrema simplicidade, despojada de todo o supérfluo e dispensável, pobre e nua, representa o máximo de entrosamento entre o engenho do homem e as fôrças da Natureza.

Que de heróicas façanhas, que de beleza lírica, que de sincronização entre o homem e a obra do Criador, se manifestam na vida do jangadeiro em sua tosca embarcação! Sôlta a branca vela aos ventos do largo, galgando com leveza e graça as cristas dos vagalhões, é um espetáculo de beleza e fôrça, uma demonstração de destemor inigualável. Assombra pelo muito que realiza em sua nudez e aparente fragilidade, onde outros, com recursos muito maiores nem mesmo ousam pretender.

Mais que um símbolo, a jangada é uma lição. Lição de simplicidade, lição de como alcançar com singeleza uma adaptação tão completa ao grande plano do Universo. Lição que se pode aplicar a todos os aspectos da atividade humana, e que aponta um caminho de simplicidade também na fé, que deve apresentar-se despojada de pedantismo e livre da pretensão de conhecimentos transcendentais; simplicidade que se deve manifestar no pensar e no falar, no vestir e no comer, na filosofia que norteia os pensamentos, como nas ações do quotidiano.

Como a jangada que complementa a paisagem e se integra na Natureza, harmonizando-se com as fôrças que a cercam, confiante de que será conduzida em segurança ao seu destino, saibamos sincronizar as nossas vidas com os planos de Deus, e seremos, também nós, levados ao pôrto de salvamento.





GENEALOGIA

O evangelho é para o indivíduo...

Aquêle que entra para a Igreja, logo descobre ser o evangelho um programa individual. O testemunho do Espírito Santo é dado para o indivíduo; o batismo na água, por imersão; a confirmação e o dom do Espírito Santo são para o indivíduo.

Os graus do Sacerdócio são dados, um de cada vez, ao indivíduo. Êste pode, depois de estar preparado, ser convertido e receber as ordenanças.

Depois desta série de experiências, uma pessoa pode receber outra ordenança, agora partilhada com alguém, que é o matrimônio. Neste, duas pessoas concordam em unir-se eternamente, preparando-se para serem dignas de habitar na presença de Deus. Seus filhos, por causa dêsse acôrdo, partilham com os pais das bênçãos da união. Nascem "sob o convênio."

Todos os homens, tôdas as mulheres, tôdas as pessoas, enfim, mais cedo ou mais tarde terão a oportunidade de aprender os passos para a vida eterna e a tomá-los, um por um. Muitos dêles estarão na terra, mas talvez um grande número já tenha experimentado a morte, sem ter conhecimento dessa oportunidade de ser exaltado. O Senhor em Sua sabedoria, previu essa situação. Os princípios de salvação e exaltação serão ensinados a cada pessoa e depois de cumprí-los, ou seja, depois que fôr batizada, receberá o dom do Espírito Santo, o Sacerdócio, se fôr homem, e o selamento do marido com a espôsa e os filhos; sòmente assim poderá participar do reino do Pai Celestial.

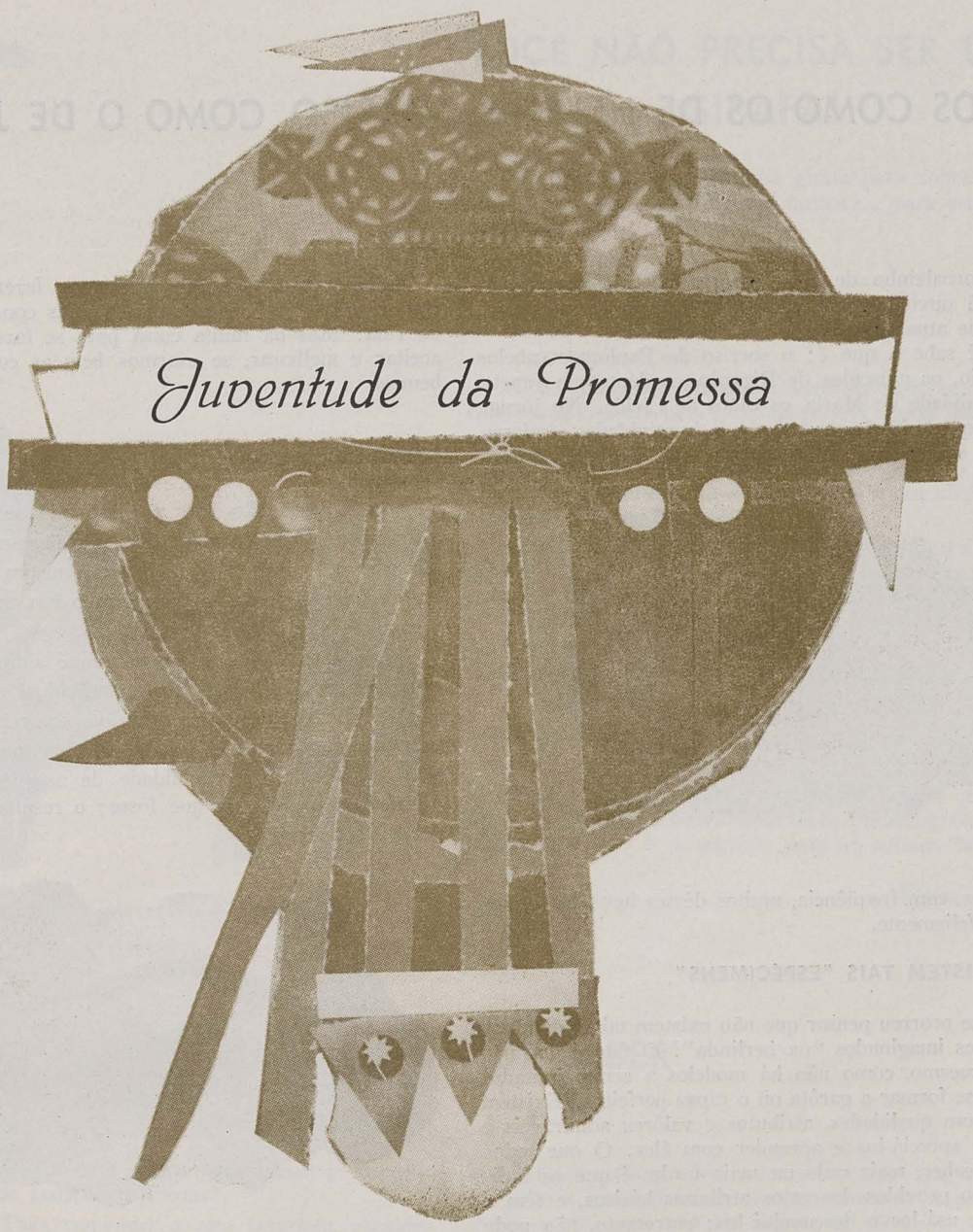
Mas o Senhor declarou que essas ordenanças são terrenas. Precisam ser realizadas na terra, de preferência pelos descendentes daqueles que aceitaram êstes princípios no mundo espiritual. Isto também é para o indivíduo. O descendente não sabe se seus antepassados aceitaram ou não. Mas pela fé e amor por êles, torna possível que recebam estas ordenanças, se as aceitarem. Cumpre, assim, a predição de Malaquias, de que "o coração dos filhos serão convertidos a seus pais." Faz isto com a certeza de que os corações dos pais *já* foram convertidos a seus filhos.

Para êsse importante trabalho de pesquisas genealógicas, devem ser organizados grupos e aulas. Os professôres do lar deverão ajudar as famílias no que fôr necessário. O espírito de Elias tocará o coração de cada um que esteja comprometido nesta obra, com o sentimento de convicção e satisfação.

Mas as aulas e os grupos de instrução não serão efetivos a menos que cada indivíduo se preocupe realmente com o batismo de seus antepassados, como se fôsse o seu próprio.

O trabalho genealógico, em última análise, significa que cada homem, com sua família, procurará os registros de seus mortos e depois que os tiver encontrado, realizará as ordenanças a seu favor, no templo do Senhor. Assim, tornam-se salvadores do Monte Sião e recebem a recompensa de acôrdo com seu trabalho.

O evangelho é para o indivíduo, vivo ou morto. Os vivos são responsáveis por si mesmos, — e pelos mortos.



TETO ILIMITADO

Teto ilimitado... seguir em frente... o sinal sugerindo que o céu é a recompensa, o sonho que se realiza... a promessa de oportunidade eterna.

Existe maior felicidade do que ver pessoas contentes a olhar para o futuro?

Quer encontremos a verdadeira felicidade, quer contribuamos ou não para alguma coisa importante na vida, dependerá grandemente de nossas atitudes, em resposta aos princípios fundamentais: fé, arrependimento, honra, perdão, integridade e trabalho. Compreendidos, aceitos e aplicados, trazem resultados indubitàvelmente construtivos. Mas essas normas, se ignoradas ou esquecidas, também trarão conseqüências inevitáveis...

OLHOS COMO OS DE HELENA, SORRISO COMO O DE JOÃO...

O jornalzinho de sua escola publicou recentemente (ou você ouviu alguém comentar) a lista de rapazes e moças que atualmente estão "na berlinda"?

Você sabe o que é: o sorriso de Paulo, os cabelos de Márcio, os músculos de Ricardo, os dentes de Janete, a personalidade de Maria, os olhos de Cleide. No jornal, pode ser que haja alguma referência às atividades escolares, lealdade, entusiasmo, esportividade, religiosidade, integri-



dade, mas, com freqüência, muitos dêsses itens são esquecidos, infelizmente.

NÃO EXISTEM TAIS "ESPÉCIMENS"...

Já lhe ocorreu pensar que não existem tais individuos como êsses imaginados "na berlinda"? O fato é que não existem mesmo, como não há modelos a serem imitados a fim de se formar a garôta ou o rapaz perfeitos. Existem aquêles com qualidades, atributos e valôres admiráveis e é virtude apreciá-los e aprender com êles. O que todos devemos saber, mais cedo ou mais tarde, é que os indivíduos são providos de certos atributos básicos, e têm a chance de usá-los e desenvolvê-los; entretanto, não pode existir troca, compra ou empréstimo dêsses atributos.

PREJUÍZO OU AUXÍLIO?

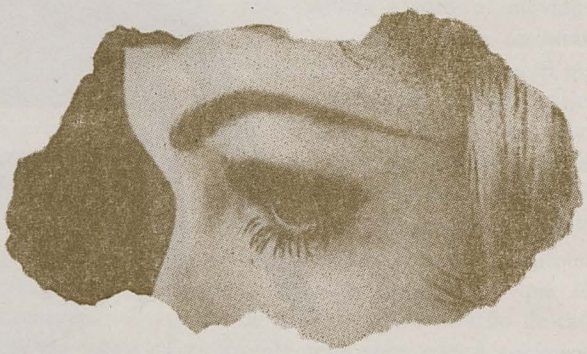
Existe algum mal em tentar encontrar o rapaz ou a moça ideal, como um sonho ou ambição ou mesmo um esfôrço jornalístico em prol do periódico da escola, ou simplesmente um assunto para conversa? Talvez não. Êsse ideal "manufaturado" pode ser bom, se nos ajudar a estabelecer objetivos altos, reais e saudáveis. Mas pode ser prejudicial se alguma criatura maravilhosa, escolhida por nosso Pai Celestial desencoraja-se porque simplesmente não é o "ideal sonhado", e talvez comece a sentir-se inadequada, insegura, solitária e sem esperanças. Dessa forma, o projeto poderá ser insensato e destrutivo.

Não existe nada que possamos fazer pessoalmente com respeito ao que cada um de nós constrói no início da vida. Mas há muita coisa para se fazer, reconhecer, aceitar e melhorar, se usarmos bem as coisas que recebemos.

SEJA VOCÊ MESMO:

Então você não tem a personalidade de Maria ou o sorriso de João! — mas talvez não ficassem muito naturais em você. Não esqueça de que tem um sorriso bonito e agradável, só seu; por que não o usa mais livremente e com maior confiança?

E a personalidade? Bem, isso é simplesmente uma expressão do que é distinto e individual em você. Sua personalidade pode ser desenvolvida para representar o que genuinamente você é, o que deseja sinceramente ser. Não pode ser igual à personalidade de ninguém mais: você realmente não gostaria que fôsse; o resultado seria artificial e sofisticado.



O MELHOR DE SI MESMO:

Você precisa aceitar o fato de que "é o que é", para que possa tentar ser o melhor de si mesmo. Você é filho do Deus Eterno: é livre para escolher, sonhar, planejar, trabalhar, aprender, crescer. Por ser *quem* e o *que* é, seu teto é ilimitado. E o seu principal objetivo é conhecer a si próprio, valorizando-se, melhorando, partilhando de si, sendo você mesmo. Comece agora a alcançar e realizar seus objetivos. Não há hora melhor.

Marion D. Hanks



VOCÊ NÃO PRECISA SER UMA GIRAFA!

Você não precisa ser uma girafa para sobressair na multidão... para ser líder dos outros... para ser olhado a segunda vez... para ser:

memorável,
com boas qualidades,
interessante,
digno,
ou mesmo superior.

Considerando-se cuidadosamente os padrões estabelecidos, uma criatura bem sucedida poderá operar maravilhas com os que pensam não "estarem à altura".

E isso traduz-se simplesmente em fazer o melhor, ignorando os conservadores e apegando-se aos liberais com otimismo e planos definidos.

É questão de desenvolver o gôsto, a polidez, a atração pessoal. É querer estar à espera de uma oportunidade para conversar ou divertir-se: é pensar, depois expressar a opinião. É sobressair-se no que é reto. É viver de maneira a ser amigo de si mesmo.

É ter coragem para ser diferente, da melhor maneira.

É ter coragem para enfrentar a verdade.

É pensar.

E é orar.

Mas é realizar, também. Qualquer pessoa que tenha tentado a invencível combinação de fé e obras, prontamente admite que êste é o segrêdo para se tornar "alguém".

Elaine Cannon

EU GOSTARIA DE SABER

Pergunta: Como uma pessoa pode tornar-se popular e ainda viver os padrões mórmons?

Resposta: Para responder a esta pergunta, consideremos duas outras:

a. O que significa, para você, ser popular?

b. Com quem gostaria de ser popular?

Você tem maturidade suficiente para pensar em popularidade na maneira certa? A única maneira sensata? Espero que você esteja pensando em muito mais do que sòmente receber freqüentes convites para festas, bailes ou cinemas com qualquer pessoa.

O que você realmente deseja é popularidade genuína. Quer que todos gostem de você, que seja admirado por coisas de real valor, por pessoas conceituadas e que você possa respeitar e ter amizade. Você não quer sòmente uma conversa inconseqüente com pessoas tôlas. Não quer olhar para o passado com uma reputação arruinada ou um caráter enfraquecido, com o coração magoado e a consciência intranqüila, ou ver-se amarrado a pessoas e modo de vida que não são dignos de você.

O que você realmente quer, olhando de frente para o futuro, são bons amigos, um casamento feliz com uma companheira digna, um lar harmonioso construído por fé, fidelidade e confiança, com crianças crescendo numa atmosfera de amizade e amor. Você quer uma vida cheia de coisas importantes. Quer respeito próprio, consciência tranqüila, boas lembranças.

A única maneira de ser popular no sentido exato, isto é, ser aceito, respeitado e amado pelas pessoas honradas, sendo honesto, verdadeiro, estável — é viver os padrões mórmons. Não existe outra maneira. Seja popular com sua consciência, com sua família, com seus amigos, com seu Pai Celestial. Viva o evangelho. Esta espécie de popularidade coloca-o num céu ilimitado — alegria e satisfação aqui, felicidade eterna no porvir!

Quando os filhos começam a pensar por si mesmos, tendem a discordar, em certos pontos, de seus pais. Na maioria das vêzes, o desacôrdo é mostrado através de discussões e algumas modificações de atitudes e planos da parte dos que estão envolvidos. Contudo, algumas vêzes, certos pais inteligentes não são capazes de resolver satisfatòriamente um problema, no qual os filhos parecem estar tomando uma decisão errada. Por exemplo, que fariam os pais quando:

Seu filho de 16 anos diz que não quer continuar estudando. Suas notas não são muito altas, mas parece ter capacidade e competência para terminar o ginásio. Tem boas roupas, dinheiro para gastar e vive num lar feliz. Parece não haver justificativa para tal decisão.

Uma filha, de 16 anos, diz que pretende casar-se dentro de três meses. Seu namorado, com 17 anos, está no ginásio, não possuindo meios para sustentar uma espôsa. Ambos têm boa saúde, são inteligentes e estão sinceramente desejosos de fazer o que acham ser certo. Seus lares não são desfeitos. O bom senso indica que o casamento seja adiado, mas a moça não concorda.

Um filho de 15 anos deseja comprar um carro de segunda mão. Pode comprá-lo com Cr$ 500.000,00 de entrada e Cr$ 150.000,00 por mês. Possui Cr$ 510.000,00 de economias, não tem emprêgo, nem carta de motorista. Seu pai tentou desencorajá-lo, mas o menino não quer mudar de opinião.

O estudo dos seguintes exemplos de certos pais tentando resolver os problemas de seus filhos poderá ajudar aquêles que possuem problemas semelhantes.

O sr. J. sentiu que algo estava errado quando entrou em casa, depois do trabalho. Sua espôsa e seu filho de 17 anos, Rubens, estavam em séria discussão. O sr. J. disse, alegre: "Não pode ser tão ruim assim. Qual é o problema?"

Rubens sentou-se e ficou olhando o chão um instante, depois começou a falar ràpidamente e com mostras de ansiedade na voz: "Tenho uma oportunidade de ganhar Cr$ 150.000,00 por mês em São Paulo, por isso decidi desistir da escola e ir logo para lá. Meu amigo Alberto, com quem saí muito o ano passado, escreveu-me dizendo ter um bom emprêgo para mim." Rubens mostrou a carta e continuou: "Se não partir logo, perderei a oportunidade. Poderei terminar o ginásio, estudando à noite. Poderei comprar um carro, ganhar dinheiro, ser independente."

A mãe de Rubens interrompeu-o. Começou a dizer que enquanto estivesse em casa, teria a oportunidade de arranjar alguma coisa com a ajuda de amigos que possuíam na cidade. Achava que Rubens era muito jovem para deixar o lar. O dinheiro que ganharia seria pobre substituto para a desvantagem de deixar o lar e a escola para viver em outra cidade, estranha para êle.

Enquanto o sr. J. escutava, parecia que os argumentos de sua espôsa eram bem fundamentados e conclusivos e que Rubens deveria fazer como ela sugeria. Mas era evidente que o rapaz não mudaria de idéia tão fàcilmente. Em vez de ouvir os apelos da mãe, parecia estar concentrado no que deveria dizer para mostrar estar certo. Eram palavras e não idéias que estavam sendo trocadas. Sentimentos intensos, mas não objetivos, estavam predominando na discussão.

O sr. J. interrompeu, falando com voz autoritária: "Rubens, você é um rapaz de 17 anos, o que indica não ser ainda senhor de si mesmo. Digo-lhe agora, sem reservas, que você ficará na escola, continuará vivendo conosco e escreverá a seu amigo, dizendo-lhe não poder ir a São Paulo. Estou tomando esta decisão porque sei ser a melhor para você. Agora que a decisão já foi tomada, vamos jantar."

OS ÊRROS COMETIDOS PELO SR. J.:

Creio que em muitos casos, o método usado pelo sr. J. poderia causar má interpretação e rebelião. Baseio esta informação no seguinte estudo dos erros cometidos pelo sr. J.

1. O sr. J. baseou sua decisão na crença de que as razões apresentadas por Rubens para deixar a escola e o lar eram as razões primordiais. Estava errado. A verdadeira razão para deixar o lar tinha pouca ligação com o fato de ganhar dinheiro e comprar um carro. Em muitos casos, se o problema é sério, um filho apresenta razões secundárias, porém mais aceitáveis para suas decisões. Um pai sábio tentaria descobrir as verdadeiras razões que determinaram a decisão do filho.



Quando pais e f

2. O sr. J. subentendeu que os pais devem sempre tomar as maiores decisões durante as desavenças entre pais e filhos, principalmente se o filho está tomando a resolução errada. Esta não é a melhor política. Sempre que fôr conveniente, os filhos devem ter o direito de ponderar, sob sua própria determinação. Entesouram o direito de tomar suas próprias decisões e de considerar o julgamento do adulto. Embora assegurar êstes direitos aos filhos possa envolver muitas horas de discussão e um atraso na solução dos problemas, poderá ser uma alternativa apropriada.

3. O sr. J. "diminuiu" o filho. Não discutiu o problema de homem para homem. Os filhos são indivíduos com pensamentos próprios, com sentimentos, emoções próprias; e seu julgamento, embora possa refletir uma mente imatura, devem ser aceitos como fatos importantes nas decisões.

4. O sr. J. deu a entender que seu julgamento era melhor que o plano apresentado por Rubens. Em alguns casos, um julgamento precipitado feito por um pai pode ser sábio, mas geralmente o êrro que ocasiona pode prejudicar a decisão; e êsse êrro resulta da consideração inadequada de todos os fatos. As decisões a respeito dos planos dos filhos devem receber consideração cuidadosa, mesmo que os pais sintam saber qual a melhor solução.

UMA APROXIMAÇÃO MAIS SATISFATÓRIA:

Relacionamos abaixo a descrição de uma aproximação mais satisfatória, que poderia ter sido usada pelo sr. J.:

Depois de ouvir a espôsa e o filho, o sr. J. disse: "É tudo muito interessante, mas acredito que seria melhor adiar a decisão por algum tempo. Preciso sair para comprar algumas coisas e gostaria que Rubens viesse comigo. Teremos assim, uma oportunidade de conversar."

O sr. J. e o filho sairam, então, para a loja. A atmosfera era amigável e relaxante. O sr. J. disse: "Então você quer ir para São Paulo. Conte-me sôbre êsse nôvo emprêgo."

O sr. J. estaria encorajando seu filho a conversar amigàvelmente numa atmosfera de confiança mútua. Acreditava que seu filho não havia dado a razão verdadeira para querer deixar o lar; sabia que, se escutasse, poderia descobrir quais os fatôres que o levavam a tomar tal decisão.

Por alguns minutos Rubens falou sôbre o desejo de ir para São Paulo, depois mudou de assunto. Começou a dizer haver faltado a muitas aulas e que o diretor o tinha chamado ao gabinete e dissera que não toleraria mais tantas faltas: "Sei que você tem capacidade e gostaria de vê-lo melhorar. A única solução para você, agora, é mudar sua conduta. Precisa decidir se vai ficar ou sair da escola."

Rubens havia ficado deprimido e desencorajado depois dessa entrevista. Pensou que se começasse a assistir às aulas novamente e fizesse o possível para recuperar o tempo gasto, perderia a camaradagem de muitos de seus amigos que haviam decidido abandonar a escola. Êstes amigos eram rapazes que haviam recebido pouco encorajamento em seus lares e haviam subestimado o valor do diploma escolar. Também, Rubens havia perdido muitas aulas de matemática e tinha mêdo de não conseguir passar, mesmo se esforçando bastante. Em sua mente perturbada por êsses problemas, sentiu que o melhor modo de resolver tudo seria desistir de estudar e começar a trabalhar.

Enquanto o sr. J. escutava, tentou resumir os fatos que haviam influenciado a decisão do jovem. Compreendeu estarem em jôgo sentimentos e emoções. O sr. J. não estava ciente de Rubens ter precisado do auxílio dos companheiros, tanto que havia decidido desistir da escola para fazer parte "do grupo". Não havia compreendido que êle tivera mêdo de que seus pais soubessem não estar se saindo tão bem quanto êstes queriam e prestes a falhar na escola. Tornou-se claro não ser a teimosia que levava o rapaz a decidir-se pelo emprêgo.

Depois de uns momentos de silêncio, o rapaz perguntou com voz calma: "Papai, o que o senhor acha o melhor a ser feito?"

É sábio o pai que compreende um pedido de ajuda e não abre a porta para um sermão; o sr. J. compreendeu a necessidade de auxílio de Rubens e disse: "Meu filho, aprecio sua confiança em mim, a ponto de pedir meus conselhos. Antes de responder, gostaria que me falasse mais a respeito do que você gostaria de saber. Vamos ver tôdas as alternativas e depois escolheremos a melhor."

O sr. J. estava ajudando o filho a pensar nos fatos e a diminuir a ansiedade e mêdo que poderiam interferir na decisão. Sabia também que, se Rubens resolvesse por si, estaria mais apto a ir adiante, principalmente se a decisão requeresse coragem e determinação. Depois de várias discussões com seus pais, o jovem decidiu tentar terminar o ginásio.

Nem todos os casos de discórdia entre pais e filhos são resolvidos tão satisfatòriamente. Muitas vêzes, um filho deixa o lar, a escola, casa-se cedo demais, compra um carro, quando seria melhor não fazê-lo. Nestes casos, a ajuda dos pais se torna ainda mais necessária.

Não existe um método que garanta o sucesso de uma decisão entre pais e filhos. Às vêzes, os pais ganham mais entendimento de seus filhos quando discutem o caso com vizinhos, ou mesmo com um conselheiro profissional. Examinar-se os fatos, considerar-se as alternativas, sempre ajuda. Sugiro, também, que considerem o seguinte:

(cont. p. 32)

pais e filhos discordam

F. LeGrande Magleby

ESCOLA DOMINICAL

Desenvolvendo o auto-contrôle

Mark K. Allen

Um recém-nascido é um feixe de reflexos que responde aos estímulos de dentro e de fora de seu corpo, com bem pouco contrôle de suas emoções e comportamento. Apenas torna-se capaz de controlar suas emoções e dirigir seu procedimento na proporção do conhecimento que adquire enquanto cresce.

Controlar as próprias emoções não quer dizer simplesmente inibição ou falta de emoções. Significa ser capaz de expressar emoções próprias de cada situação. Jesus deu um bom exemplo de ambos os casos de contrôle emocional: raiva e pesar em algumas ocasiões e grande fôrça de vontade para evitar a ira e o ódio em outras. Lembremo-nos do tratamento que deu aos mercadores no templo, como os açoitou e derrubou suas mesas, dizendo: "... não façais da Casa de Meu Pai casa de venda." (João 2:16) Freqüentemente mostrou-Se irado com os escribas e fariseus, a quem chamou de hipócritas, "...pois que são como sepulcros caiados, que por fora realmente parecem formosos, mas interiormente estão cheios de ossos de imundícia." (Mateus 23:27) Os pecados do espírito, tais como: intolerância, orgulho, falsa modéstia e falsa justiça, acendem Sua ira.

Em contraste a estas expressões de ira, Cristo também possui a capacidade de dominar a raiva e o ódio em circunstâncias que nenhum homem teria conseguido.

Ressaltou em muitos de Seus ensinamentos, a importância da paciência, perdão e sujeição à provocação — "Bemaventurados os pacificadores, pois êles serão chamados filhos de Deus." (Mateus 5:9)

"Viste que foi dito: ôlho por ôlho, dente por dente. Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal; mas se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra." (Mateus 5:38-39)

"Eu, porém vos digo: Amai vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei o bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem." (Mateus 5:44)

Esta espécie de contrôle não é passiva, mas requer que se aja positivamente em direção oposta aos nossos impulsos.

O teste supremo da paciência de Cristo foi durante o julgamento e crucificação. Durante a acusação, Cristo foi insultado, injustiçado perante a lei e maltratado fisicamente. Mas Êle não chorou nem gritou contra Seus perseguidores. Ao contrário, Sua súplica final expressou grande tristeza e entendimento: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem..." (Lucas 23:34)

O contrôle de outras espécies de procedimento depende da habilidade de evitar praticar certos atos e também da habilidade de agir certo. Perícia ao tocar o piano é uma espécie de liberdade que se adquire ao estudar e praticar bastante para não bater na tecla errada. Muitos de nós têm dificuldade em fazer o bem e evitar o mal. Paulo tinha êsse problema e lastimava sua falta de contrôle, quando disse: "Porque o que faço não o aprovo; pois o que quero, isso não faço, mas o que aborreço, isso faço." Seus hábitos de vida não podiam ser formados em um dia.

A liberdade de agir e controlar os atos depende de algumas condições que aprendemos. A liberdade de escolha e a de auto-contrôle podem ser cultivadas — não devem ser subestimadas. Eis aqui algumas sugestões para cultivá-las e preservá-las:

1. Evite situações e tentações que sobrecarregam seu contrôle. Do mesmo modo que não se pode resistir à resposta-reflexo "chôro" quando se senta sôbre um fogão quente, assim também deve-se evitar situações que não seremos capazes de vencer, especialmente na mocidade. "E não nos deixeis cair em tentação, mas livra-nos do mal." (Mateus 6:13)

2. Reconheça suas necessidades mais fortes e urgentes e busque meios construtivos para dirigí-las. Seja amigável para com aquêles que não gostam de você; esforce-se para ser melhor professor, melhor líder, e conselheiro dos que ofendeu.

3. Escolha suas companhias. Podemos não ser livres para resistir às influências dos outros sôbre nós, mas somos livres para escolher quem nos influenciará. Boas escolhas e auto-contrôle são, em parte, sociabilidade e dependem daqueles com quem nos associamos.

4. Aproveite cada oportunidade de aumentar seu contrôle e liberdade através de conhecimento, hábito e horário. O domínio sôbre o corpo e a mente depende de vigorosa disciplina.

5. Desenvolva bons propósitos em sua vida; de outra maneira, liberdade e contrôle têm pouco significado. "O vento não ajuda ninguém que navega sem destino." Precisamos tomar cuidado para onde nosso procedimento nos leva; de outra maneira, nada se aprenderá.

6. Cultive a importância de outras pessoas em sua vida. As vozes que existem dentro de nós tornam-se parte importante em nossas consciências. Se seguirmos êstes guias, teremos uma das maiores qualidades do homem, a mesma que nos diferenciam dos animais e permitem-nos agir livre e independentemente do estímulo externo.

Uma afirmação poderosa das escrituras modernas nos diz:

"Na verdade, digo, que os homens se devem ocupar zelosamente numa boa causa e fazer muito de sua própria e livre vontade e realizar muito bem.

"Pois nêles está o poder para assim fazer no que são seus próprios árbitros. Se os homens fizerem o bem de modo nenhum deixarão de receber a recompensa." (D & C 58:27-28)

Rumo ao objetivo

Walmir Silva

Alfred Adler certa vez escreveu: "Homem nenhum pode pensar, querer, sonhar, sem que estas atividades sejam determinadas, continuadas, modificadas, e dirigidas para um objetivo constante. Isto resulta da necessidade de adaptação do organismo ao meio envolvente. Os fenômenos físicos e psíquicos da vida humana se baseiam nesses fundamentos que acentuamos. Não podemos conceber a evolução sem a constância de um objetivo, o qual é determinado pela dinâmica da vida. E êste objetivo temos de concebê-lo mutável ou fixo."

Mais adiante êle diz: "Parece-nos impossível conceber a alma como outra coisa senão fôrça a agir rumo ao objetivo."

Hoje, os homens andam em busca de um objetivo para suas vidas. Outros nem sequer podem determinar um objetivo porque simplesmente não sabem a razão de estarem aqui e o que será dêles no futuro.

Quando Jesus Cristo veio ao mundo, o fêz com o propósito de estabelecer para cada um de nós um objetivo imutável: "Sermos perfeitos como nosso Pai que está nos céus."

Êste é o nosso objetivo e em sua direção devemos caminhar. Como? Guardando e observando todos os mandamentos do Senhor.

Muitos de nós desistimos no meio da jornada porque nos sentimos imperfeitos e incapazes de sermos melhores em vista do grande número de erros que cometemos na tentativa.

Em setembro de 1956 nosso querido Presidente Asael T. Sorensen disse a um grupo de membros do sacerdócio:

"O progresso não se faz sem erros. O mais fraco de Deus é o mais forte entre os homens."

Não defendemos a tese de que o homem deve se desprender das coisas do mundo para chegar a Deus, mas que o homem deve saber usar o que o mundo lhe oferece para o seu desenvolvimento. Às vêzes, nós vivemos e agimos como se não tivéssemos sido criados por Deus e que as coisas que aqui temos não são Suas obras.

Quando fizemos nosso convênio nas águas do batismo, aceitamos o desafio de caminhar na direção de um objetivo bem definido; por isso devemos concentrar todo esfôrço em sermos cada vez melhores.

Ao mencionarmos "desenvolvimento" queremos dizer que, como filhos de nosso Pai Celestial, devemos trabalhar no sentido de nos desenvolvermos moral, material, sôcial, física e espiritualmente, procurando, ao mesmo tempo, servir ao próximo. É inconcebível que vivamos sem nos importarmos com as condições e necessidades de nossos semelhantes. Somos tão dependentes uns dos outros que os mais simples atos afetam uma ou mais pessoas do grupo a que pertencemos.

Como membros da Igreja de Cristo devemos estar unidos em tôrno dêsses ideais. Não aceitamos só o progresso social, pois à medida que cumprimos nossa parte o Senhor fará a d'Êle, dando-nos as bênçãos que corresponderão a cada lei cumprida. O Profeta Brigham Young, referindo-se às bênçãos do povo mórmon disse: "Meu mêdo é que êste povo não possa suportar a riqueza, pois será um povo rico e abençoado por Deus."

Saibamos, pois, atender aos desejos do Senhor sendo cada vez mais semelhantes a Êle, seguindo fiel e diligentemente em direção ao objetivo estabelecido.

———○———

HINOS DE ENSAIO
para outubro

Escola Dominical Sênior
"Graças pela Escola Dominical", n.º 96

Escola Dominical Júnior
"Doce é o trabalho" (As Crianças Cantam), n.º 18

JÓIA SACRAMENTAL
para outubro

Escola Dominical Sênior

"Nisto todos conhecerão que sois Meus discípulos, se vos amardes uns aos outros." (João 13:35)

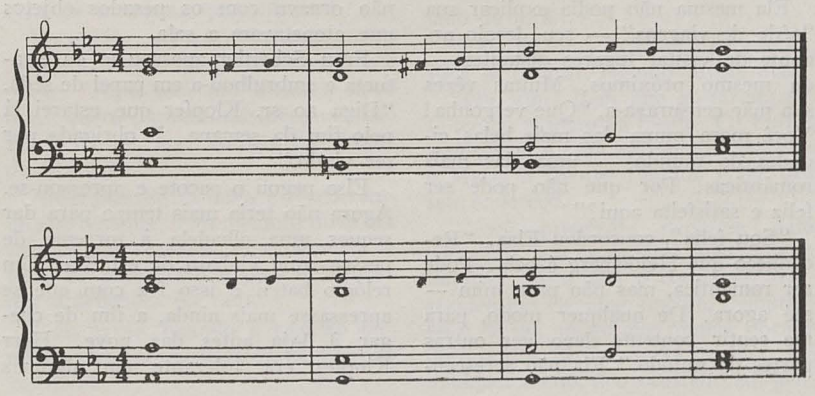
Escola Dominical Júnior

"O Meu mandamento é êste, que vos ameis uns aos outros, assim como Eu vos amei." (João 15:12)

Domingo de Jejum

"O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo: se com Êle sofremos, para que também com Êle sejamos glorificados." (Romanos 8:16-17)

PRELÚDIO SACRAMENTAL





PÁGINA FEMININA

Elsa

Mabel Harmer

A primavera chegara cedo em Heidelberg. A suave brisa de abril soprando das montanhas, trazia uma fragrância mesclada de violetas e pinheirinhos. Elsa diminuiu por instantes seus passos céleres, a fim de prender as mechas sôltas de cabelo louro que lhe escapavam do lenço, e depois apressou-se. Estava contente por ter que ir buscar a estatueta na casa da senhora Schettler, pois lhe proporcionava o ensejo de passar pela Estação Central; era algo que valia a pena, mesmo que dispendesse tempo e energia extras.

O trem de Munique chegaria a qualquer momento e era emocionante ver as pessoas que vinham nêle. Além dos turistas e estudantes, havia muita gente de sua própria classe, exceto que êstes eram mais afortunados porque podiam viajar para algum lugar — qualquer parte.

Ela mesma não podia explicar sua "sêde de viagens" — seu desejo ardente de visitar lugares distantes — ou mesmo próximos. Muitas vêzes sua mãe censurava-a, "Que vergonha! Você mora numa das mais belas cidades do mundo — uma das mais românticas. Por que não pode ser feliz e satisfeita aqui?"

"Sou feliz", concordou Elsa. "Reconheço que Heidelberg é bela. Pode ser romântica, mas não para mim — até agora. De qualquer modo, para me sentir contente devo ver outras partes do mundo." Ela não acrescentou que sua mãe nunca tivera saído de Heidelberg, a não ser talvez a Frankfurt, ou a Manheim — uns poucos quilômetros de distância, e assim não estava bem qualificada para julgar.

Chegou ao jardim da casa dos Schettler e ergueu a argola de ferro. Gostaria de não ter que esperar. Havia pouco tempo para chegar à loja. Sentiu-se aliviada quando ouviu os passos pesados de Frau Schettler nas escadas. "Ah, é você!" disse ela, abrindo a porta. "Entre. Você verá que o bibelô não fica bem em meu quarto."

"Não tenho tempo", replicou Elsa. "Está muito bem, lógico. Se não gostar dêste, poderá escolher algo mais."

Mas não, Frau Schettler não a deixaria ir-se. Elsa teria que entrar e ver como ficaria a estatueta sôbre a lareira. Concordou logo que o bibelô não ornava com os pesados objetos que atopetavam a sala.

Frau Schettler apossou-se da estatueta e embrulhou-a em papel de sêda. "Diga ao sr. Klopfer que estarei lá pelo fim da semana. E obrigada por ter vindo."

Elsa pegou o pacote e apressou-se. Agora não teria mais tempo para dar sequer uma olhadela à torrente de pessoas que vinham da estação. Um relógio bateu e isso fêz com que se apressasse mais ainda, a fim de chegar à loja antes das nove. Herr Klopfer era tolerante em algumas coisas, mas não com a falta de pontualidade. Não adiantaria explicar que se atrasara devido ao recado da loja. Êle retrucaria que ela deveria ter começado mais cedo.

Elsa andava em direção à praça Bismark. Havia flôres por tôda a parte. Amores-perfeitos, com sua inocência, e algumas tulipas, salpicando o verde, com suas alegres côres primaverís. Passou pelo jardinzinho de árvores enormes — uma parte da universidade. Normalmente teria parado para sentir suas fragrâncias, mas não tinha tempo.

Observou o alto soldado americano que permanecia de pé em frente à Casa do Gigante, contemplando a estátua. Quando fêz menção de andar, êste virou-se bruscamente, jogando a estatueta ao solo.

"Oh", exclamou Elsa, colocando as duas mãos no rosto e arregalando os olhos em desalento.

"Sinto muito. Acho que está quebrado."

"Tenho certeza que sim", replicou ela um tanto rudemente, inclinando-se para apanhar o pacote.

Êle tentou antecipar-se, porém ela agradeceu, "Não obrigada. Eu o farei." Seu tom de voz demonstrava claramente que êle a zangara.

"É claro que pagarei o prejuízo", disse êle ràpidamente. "Quanto?"

"Não estou certa ainda. Preciso perguntar ao sr. Klopfer. Trabalho em sua loja de presentes."

Ela dirigiu-se rua abaixo, andando tão depressa que mantinha a dianteira apesar do largo passo do soldado.

"Alegro-me por falar inglês", disse êle. "Será mais fácil resolver êste incidente, espero. Você diz que trabalha numa loja de presentes?"

"Sim."

"Meu nome é George Clayton."

Êle hesitou, esperando que Elsa falasse, e depois de curto intervalo, ela disse, "Eu sou Elsa Breinholt."

"Acabei de chegar aqui" prosseguiu êle. Era por isso que contemplava a estátua tão detidamente. No entanto, acho que não preciso tentar ver tudo no primeiro dia. Estou esperando subir ao castelo brevemente. Esta é sem dúvida, uma cidade fascinante."

"Sim".

"Eu ficarei aquartelado aqui por dois anos. Imagino que poderei ver muita coisa durante êsse tempo."

Elsa meneou de leve a cabeça, e nada observou, até que disse: "Esta é a loja. Herr Klopfer já deve estar. Êle sempre chega cedo."

Êle a seguiu lá para dentro e esboçou um sorriso quando o ancião olhou primeiro para a moça e depois para o relógio. "A culpa foi minha", disse êle. Elsa, entretanto, interrompeu, dizendo, "Herr Klopfer não fala inglês. Tenho que lhe explicar."

Ela o fêz sem perda de tempo e voltou-se para Clay, dizendo: "Serão doze dólares."

"Ufa, obrigado. Não foi tanto assim. Estava pensando que fôsse duas ou três vêzes mais." Êle retirou a carteira e extraiu as notas. "Dinheiro americano, está bem?"

"Claro que sim". Elsa sorriu pela primeira vez desde o encontro. Passou o dinheiro para Herr Klopfer e dirigiu-se a uma sala nos fundos, para tirar o casaco e a echarpe. Quando regressou, o soldado ainda estava lá.

"Importa-se que eu dê uma olhada?" perguntou êle. "Vocês têm um bocado de coisas bonitas aqui, Miss Breinholt. Me interessam muito, pois desejo mandar algo para casa. Minha irmãzinha gosta demais dêsses..."

"Bibelôs", informou-lhe Elsa.

"Sim, êles são interessantes".

Êle deu uma olhada por mais alguns instantes e depois disse, "Bem, agradeço-lhe muito. Espero encontrá-la novamente."

Ambos sorriram e depois de sua saída Elsa iniciou a tarefa diária de espanar as miniaturas.

"Um belo rapaz", observou Kerr Klopfer.

"Sim, acabou de chegar. Êle disse que voltaria, mas na certa não o fará."

"Por que você diz isso?"

"Êle logo descobrirá que pode comprar estas coisas na loja da Base — portanto por que deveria voltar?"

"Posso pensar em uma razão muito boa", replicou Herr Klopfer, com seu olhos azuis cintilando.

Elsa encolheu-se um pouquinho e prosseguiu em seu trabalho. O mesmo de sempre, quando o primeiro freguês chegava, era cumprimentado com um sorriso mais animado do que o de costume.

Depois desta ocorrência, cada manhã que Elsa passava pela Casa do Gigante, olhava de relance para a estátua, imaginando se o americano teria vindo ali outra vez. Na verdade, não se importaria se levasse outro encontrão daqueles, contanto que não tivesse estatuetas em suas mãos.

No domingo reuniu-se, com a mãe e a irmã, Maria, para o longo trajeto até a capela de seu ramo. Como sua mãe não fôsse boa andarilha, tinham que sair bem cedo mas não se aborreciam porque estavam na primavera.

Enquanto se aproximavam, viram alguns amigos alemães chegando a pé, ou de bicicleta. Os americanos, que na maioria vinham da base militar, e encontravam-se lá em cima com os outros, chegavam de automóvel.

"Quando eu dirigir para vir à Igreja, gostaria que fôsse automóvel", disse Maria.

"Ótimo, disse a mãe. Assim você não precisará economizar mais para aquela bicicleta que sempre desejou."

"Oh, sim, pretendo ter os dois", respondeu aèreamente Maria.

Sorriram e falaram amigàvelmente com os membros que entravam.

Na capela, o Irmão Horning, presidente do ramo, foi ao seu encontro e disse: "Aqui está um membro nôvo que quero apresentar-lhes: Irmão Karl Ernest que acabou de chegar de Munique."

Apertaram-se as mãos e receberam-no alegremente. Um membro nôvo era sempre bem recebido, especialmente se fôsse do sacerdócio e pudesse ajudar nas ordenanças do ramo.

Mais tarde, quando a reunião terminou, Karl aproximou-se de Elsa no vestíbulo.

"Quando chegou?", perguntou Elsa.

"Quinta-feira."

"Então não teve tempo de saber se irá gostar ou não daqui."

"Certamente que sim! Esta é mais bela cidade que já vi. Gostar não é um têrmo bastante expressivo. Tudo está dando tão certo! Já tenho onde ficar e a promessa de um emprêgo. É tão bom que parece inacreditável."

"Sim, é maravilhoso aqui. Ninguém poderia esperar algo melhor", disse Irmã Breinholt olhando de modo significativo para Elsa. "Talvez você queira nos dar a honra de jantar conosco."

"Claro que sim, se não os importunar."

"Absolutamente". Puxou o braço de Maria e saiu, deixando Karl seguir com Elsa. Já estavam se retirando quando Elsa vislumbrou o soldado americano descendo as escadas. Surpreendida, ela demorou-se o suficiente para que êle os alcançasse.

"Bem, isto é que é sorte!" exclamou. Você não me contou que era SUD.

"Você não me perguntou", sorriu Elsa. Poderia lhe dizer o mesmo.

Ela apresentou Karl, declarando que êle havia chegado de Munich naquela semana.

"Esplêndido!" exclamou George. "Espero que goste daqui tanto quanto eu!"

Karl, cujo conhecimento de inglês era muito limitado, respondeu-lhe com um largo sorriso e um enfático "Ja wohl!"

Despediram-se e dirigiram-se para fora, onde Irmã Breinholt e Maria estavam esperando. Todos os quatro começaram a caminhar pela rua, mas não tinham andado mais de um quarteirão quando um carro fêz a curva e o sargento Clayton inclinou-se para o lado de fora.

"Que tal uma carona?" perguntou. Elsa ia recusar, quando Maria disse: "Oh, sim! Bem que gostaríamos". E tomou assento na frente. Os outros avançaram e Elsa apresentou sua mãe e Maria a George Clayton e lhe deu seu enderêço.

"Você progrediu depressa para conseguir um automóvel, não?" Elsa inquiriu. "Eu não o consegui", respondeu-lhe êle alegremente, "emprestei-o de um amigo que prefere dormir do que ir à Igreja — pobre alma. De qualquer modo, fico satisfeito em pen-

sar que foi êle quem permaneceu no quartel e não eu. Ir à Igreja é emocionante. Sei que nossos soldados ajudaram um pouquinho na construção."

"Sim, mais do que um pouco. Foram uma grande ajuda. E somos felizes por sermos seus vizinhos, desde então."

Chegaram à casa dos Breinholt bem mais cedo do que o costume. Por um momento, Elsa temeu que sua mãe convidasse o americano para jantar. Mas ela sòmente agradeceu-o de coração pela carona e despediu-se.

Elsa pôde compreender que sua mãe não tinha interêsse algum no americano, porém seus olhos estavam voltados para Karl, que, além do mais era um convidado que sabia apreciar tudo. Êste contou-lhe a respeito do ramo de Munique e como crescera desde que a guerra terminara. "Nós também apreciamos a companhia dos americanos", disse êle. "É maravilhoso podermos ser todos amigos novamente."

"Sim", concordou Irmã Breinholt. "A vida é boa, agora, em comparação com os outros lugares. Nossa bela cidade é, ou melhor, voltou a ser o que era antes da guerra e há trabalho para todos. Maria está trabalhando numa fábrica de tipos de máquinas datilográficas e Elsa está empregada numa loja de souvenirs."

O rosto de Karl iluminou-se. "Sim, é verdade que há emprêgo para todos. Logo que cheguei, foi-me oferecido um emprêgo. Eu conserto máquinas de escrever."

"Excelente!" disse Irmã Breinholt, tôda sorrisos. "E quanto mais você observa nossa linda cidade, mais a aprecia. Você deve visitar o Konigstuhl. Prepararei um lanche e Elsa ficará contente em lhe mostrar as vistas maravilhosas da cidade e do vale."

Elsa corou. Esperava que Karl não pudesse ler as intenções de sua mãe que fàcilmente se podia perceber. Alí estava um ótimo rapaz — simpático e membro da Igreja. Daria um ótimo marido para sua filha. Assim, ela esqueceria a tolice de querer viajar para outros lugares, inclusive à América. Era providencial.

"Você sairá às cinco amanhã, não é?" perguntou a senhora à filha. "Maria poderá levar-lhes o lanche perto da estrada principal. Talvez possa encontrar-se com Elsa na loja, não é mesmo Karl?"

Elsa emudecera ao ouvir tais perspectivas, porém Karl concordou imediatamente com um grande sorriso: "Sim, certamente."

Aquela noite foram de nôvo à capela, para a Reunião Sacramental e Elsa esqueceu o vexame que passara com a mãe, pois o espírito da reunião era suave. Quando sentou-se ao orgão para tocar o último hino, ela olhou ràpidamente para sua mãe e pensou: "Mamãe tem razão. Ninguém deve almejar mais do que temos aqui.

No tarde seguinte, Maria apareceu na loja dez minutos antes das cinco. Karl chegou quase imediatamente atrás dela. Quando saiam, ela lhe passou a cesta de lanches, fazendo-o exclamar, "Claro que isto não é só para dois!"

"Eu podia me juntar a vocês", disse Maria ràpidamente. Então, com um sorriso travêsso, acrescentou, "mas não vou!"

Ambos andavam pela avenida. Elsa se perguntou se Karl tinha dinheiro para o passeio e sugeriu, "Poderíamos ir a pé, a subida não é muito inclinada — e a tarde está tão linda!"

"Oh!, não! Quero tentar ir por êste caminho", replicou êle. "Se houver luz suficiente, talvez possamos passear."

Êle comprou o bilhete e ambos se acomodaram no bonde. Demorou apenas alguns minutos até que chegassem ao tôpo e dalí tomaram um caminho que ladeava a montanha, e alcançaram um lindo lugar, de onde se avistava o vale e o rio, lá embaixo.

"Que tal?" perguntou Elsa.

Karl respirou profundamente. "Ah, isto deveria durar para sempre! Nunca vi tanta beleza!"

"Não poderíamos ficar aqui para sempre", replicou ela sorrindo. "Pelo tamanho do lanche, talvez mamãe pensasse que ficaríamos. Entretanto, podemos voltar novamente."

"Ah, espero que sim. Espero que possamos vir freqüentemente."

Elsa colocou alguns papéis sôbre a grama e a toalha branca sôbre êles. Desembrulhou os sanduíches de massa caseira. Havia também pickles, queijo e pastèizinhos. Comeram quase em silêncio. Abaixo, o rio Neckar seguia através do vale exuberante, para se encontrar com o Reno. Em certos trechos, o vale da montanha era substituido pelo vermelho fôsco da murada do velho castelo.

"Vocês tiveram sorte durante a guerra", observou Karl. "Sua cidade não foi atingida."

"Sim", concordou Elsa, "nesse ponto fomos afortunados."

"E em outros pontos?", perguntou êle gentilmente.

"Eu era muito jovem para me lembrar de tudo. Perdemos papai. Maria não se lembra dêle; era um homem bom e gentil."

"Sim, é uma felicidade poder lembrar as coisas boas..." Voltando a olhar para o rio, disse, "gostaria de poder ir rio acima qualquer dia dêstes. Deve ser maravilhoso."

"Sim", concordou Elsa, "mas gostaria de poder ir para o outro lado, onde o Neckar se junta ao Reno e depois vai para o oceano..."

"E depois...?"

"Ah, atravessar o oceano, é claro."

"E por todo o mundo e depois voltar para Heidelberg" continuou êle, como se tudo aquilo fôsse fantasia.

"É claro", respondeu ela vivamente.

Depois de terminado o lanche, passearam um pouco pela aléia.

"Se fôrmos agora", disse Elsa, poderemos ir a pé para a cidade. É um passeio magnífico, quando se está descendo a colina.

"Então vamos." Êle parou aonde haviam lanchado e reuniu vários pedregulhos, fazendo uma pequena pilha.

"Para que você quer isso?" perguntou ela.

"Para marcar o lugar — o mais bonito do mundo. Assim, poderemos achá-lo quando voltarmos novamente."

"E você pensa que as pedras permanecerão aí? O primeiro moleque que aparecer irá atirá-las lá para baixo."

"É? Bem, não tem importância, está bem marcado aqui", disse, colocando a mão na testa.

Elsa sorriu e começou a andar. Antes de chegarem à cidade, as primeiras luzes se acenderam e iluminaram a velha ponte sôbre o rio escuro e algumas partes da universidade, onde os estudantes ainda trabalhavam.

Karl segurou a mão de Elsa e êsse contato era seguro e agradável. Havia estabilidade e profundidade nesse homem. Elsa olhou para o rio, onde os barcos navegavam tranqüilamente em direção ao Reno, e retirou a mão. Seu coração estava num dêsses barcos — que iam para o Reno.

(continua)

Sacerdócio de Melquisedeque



Programa Noite Familiar





O ano de 1965 está sendo um período de grandes recordações, pois os membros da Igreja estão recebendo instruções para a vida, fé e esperança familiares. Atrás dessa grande realização está o Sacerdócio, cujos membros — os pais de família — serão os mais beneficiados.

A base do programa é a noite familiar semanal, durante a qual os pais ensinam a seus filhos os princípios do evangelho. Recebem, para ajudá-los, uma série de lições, instruções e sugestões, que são publicadas mensalmente por esta revista. Entretanto, êsses auxílios não são a base do programa, pois também deverá haver divertimentos.

Os pais poderão receber outras instruções todos os domingos na Reunião Sacerdotal e as mães através da Sociedade de Socorro.

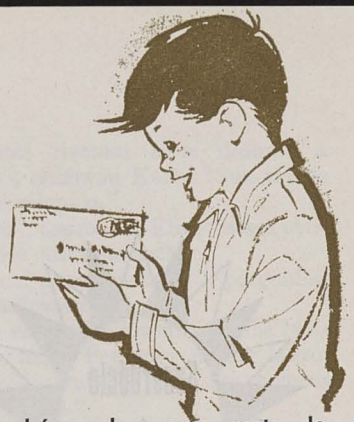
Espera-se que as presidências de distrito já tenham introduzido o programa para a liderança do Sacerdócio. Devem falar constantemente sôbre o assunto, a fim de que os membros novos também realizem a noite familiar.

Além disso, devem planejar reuniões especiais de orientação para todos os chefes de família do ramo, sôbre suas obrigações quanto ao ensino e prática do evangelho no lar.

MEU CANTINHO

BARNABÉ BARBOSA





Barnabé recebeu uma carta do amigo que mora no Alaska.



Barnabé e Batuta se alegram quando lêem sôbre as baleias e como elas nadam e espirram água.

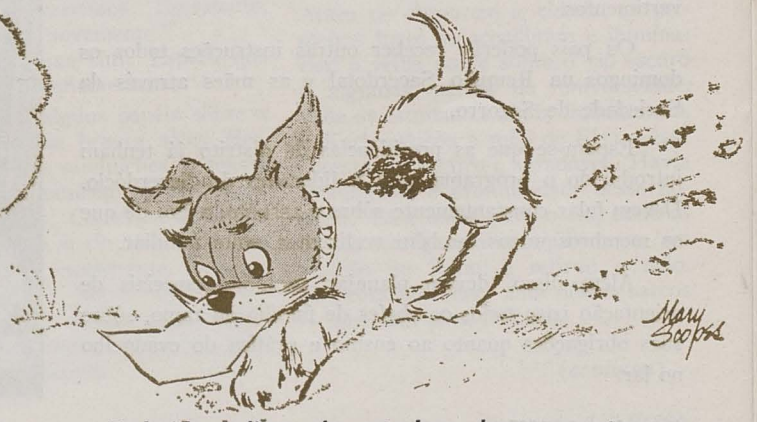
Barnabé gostou de ler sôbre os cachorros e a Aurora Boreal, mais que tudo.



Estão interessados nos "icebergs", mas se entristecem por causa das pobres minhocas.



Batuta não está muito certo se gostou dos cachorros do Alaska.



E decide se livrar da carta bem depressa, antes que Barnabé tenha uma de suas "idéias brilhantes"!...

PROGRAMA NOITE FAMILIAR

LIÇÕES PARA OUTUBRO



1.ª SEMANA

JESUS ENSINOU O ARREPENDIMENTO

Lição:

Peça aos familiares para abrirem seus livros PGV em Moisés 6:57 e lerem sòmente a metade do versículo. Depois, deverão considerar:

- Qual o princípio do evangelho a ser discutido na lição?
- Por que os pais devem ensiná-lo?
- Qual a sua importância?

Eis as respostas:

- A lição é sôbre o arrependimento. (Não o explique agora.)
- Porque o Senhor disse: "Ensina a teus filhos..."
- Fazer com que todos se arrependam, pois "para herdar o reino de Deus, não pode alí morar coisa imunda..."

1. *Encarando os erros*

Cite um exemplo para definir o que é arrependimento. Use uma história que se coadune com a idade ou conhecimentos de seus filhos, a fim de que entendam bem. Se quiser, poderá usar a seguinte narração:

Lineu tinha um grande amigo, que no dia anterior ganhara um belo cão policial. Êsse amigo pedira a Lineu para ajudá-lo a construir uma casa para o cachorro e nessa tarefa êles passaram tôda a tarde. Lineu chegou em casa às 5,30. Quando sua mãe lhe perguntou se tinha ido buscar a encomenda para o pai, lembrou-se de que não fôra buscá-la e nem mesmo tomara conta dos irmãos menores, como havia prometido.

Lineu sabia que seus pais estavam aborrecidos com êle, pois muitas vêzes já os ouvira comentar que "êle é de muita confiança."

Peça a cada um para colocar-se no lugar de Lineu, dizendo o que faria; oriente-os à conclusão de que êle deveria encarar seu êrro, prometendo não mais esquecer-se dos compromissos. Faça as seguintes perguntas:

- Por que nosso Pai nos enviou à Terra? (Entre outras coisas, para nos provar.)
- Por que deseja que sejamos provados? (Os que forem dignos herdarão a vida eterna.)
- Qual a relação entre nossas ações aqui e na vida eterna? (Nos tornarmos iguais ao Pai Celestial.) O Profeta Joseph Smith disse: "Se você deseja ir onde Deus está, deve ser como Êle..." Cada ato que praticamos nos aproxima ou nos afasta do Pai. Ao encararmos nossos erros, nos aproximamos d'Êle.

2. *A demora torna o arrependimento mais difícil*

Lineu, em nossa história, não encarou sua falta. Não desejava decepcionar os pais, por isso arranjou uma desculpa. Disse que o professor de matemática ficara explicando alguns exercícios, e como estavam perto do exame não pudera ir embora. Estava sentido e desejava que os pais o compreendessem.

Deixe a família analisar a conduta de Lineu; faça as seguintes perguntas:

- Por que êle mentiu? (Não queria encarar o êrro.)
- O que é pior: esquecer do compromisso ou contar mentira? (Contar mentira.)
- É possível anular uma falta fazendo outra coisa errada? (Não. Devemos encarar nossos erros, procurando não repetí-los.)
- Agindo dessa maneira Lineu está se aproximando do Pai Celestial? (Não.)
- Como Lineu sentiu-se após haver contado a mentira? (Deixe cada um se expressar.)

Lineu sabe distinguir o certo do errado. Deseja fazer o certo, dizer a verdade, odeia mentir. Êsse é o seu padrão. Quando age de acôrdo com seus padrões, sente-se bem, mas quando não o faz sente-se inferiorizado.

3. *O caminho para o arrependimento*

O que Lineu deveria fazer para livrar-se da culpa? (Agir de modo a reparar o êrro; deixe a família dar sugestões.)

Diga aos familiares que os seguintes pontos são essenciais para o arrependimento. À medida que vai explicando, escreva-os num papel, que será colocado em lugar bem visível durante a semana.

A. Encare o êrro

Lineu fêz isso depois de mentir. Algumas vêzes não admitimos que erramos e censuramos outras pessoas por causa de nossas ações. Nunca encararemos o êrro se antes não aceitarmos que erramos.

B. Sinta tristeza pelo êrro

Lineu ficou sentido, especialmente depois de haver mentido. Não faremos o certo até sentirmos que erramos. Se acharmos que a pessoa a quem ofendemos merecia essa nossa atitude, não nos arrependeremos.

C. Confesse o êrro

Devemos contar o que fazemos à pessoa ofendida. A fim de obtermos fôrça para fazer isso, devemos confiar no Pai Celestial.

Quando Lineu tentou contar o que fizera, quase ficou doente, pois queria que o considerassem muito bom. Durante a noite sonhou que seu pai o repreendia. Na manhã seguinte não quis comer e deixou a mãe preocupada. Também não quis jantar e foi para o quarto; seu pai foi até lá para falar com êle. Depois de conversarem um pouco, Lineu disse: "Eu o desapontei, papai. Não desejará me suportar, se souber."

"É melhor não pensar assim. Se falar, vai se sentir melhor do que agora."

Depois de haver pedido para que mamãe também ouvisse o que tinha a dizer, Lineu contou sua falta, mas seus pais disseram: "Ficamos sentidos por você agir daquela forma, mas às vêzes nós esquecemos de coisas importantes. Seria mais fácil se nos tivesse contado."

4. *Não erre novamente*

Na noite seguinte Lineu disse: "Ah! É maravilhoso sentir-se bem novamente, papai!" Seu pai perguntou-lhe se êle poderia evitar essa situação no futuro e sua resposta foi: "Não quero fazer nada para me sentir culpado. Aprendi que devemos encarar nossos erros no início." Assim agindo, Lineu estava se aproximando do Pai Celestial.

Conte à família que o processo de tentar sobrepujar o êrro é chamado arrependimento. Escreva essa palavra no gráfico. Deixe os familiares contarem experiências que incluam os três passos acima citados, os quais nos levam ao arrependimento. Verifique se realmente entenderam o que é o arrependimento. Peça-lhes para ler D&C 58:43. É dessa forma que nos arrependemos: confessando e não repetindo o êrro.

5. *Arrependimento ou raciocínio?*

Suponhamos que apesar de não se sentir bem devido ao que fizera, Lineu não tentou fazer o certo ou se arrepender. Uma pessoa não consegue sentir-se aborrecida consigo mesma por muito tempo. Se não se arrepende, começa a justificar-se, a censurar outras pessoas. Assim pensando, Lineu não precisaria enfrentar o êrro cometido. Simplesmente se acomodaria, não pensando mais no assunto.

Discuta com a família sôbre êsse tipo de raciocínio. Se quiser, poderá perguntar:

Em quem êle jogou a culpa de suas ações? (Nos pais.)

Como isso afetará as relações com seus pais? (Começará a crer que é explorado e sentirá rancor. · Compare

essa atitude com os sentimentos de Lineu depois de haver se arrependido.)

Se surgir uma situação similar, como Lineu agirá? Deverá ir ao encontro de Satanás ou do Pai Celestial?

Peça para cada filho pensar sôbre o arrependimento em relação a si próprio.

6. *Jesus ensinou o arrependimento*

Peça aos familiares para dizerem o que pensam sôbre a atitude de Jesus e o arrependimento. Reveja a lição passada, onde se fala que a fé no Senhor Jesus Cristo mudará nosso modo de viver, tornando-o melhor. Se realmente quisermos nos arrepender, a fé em Jesus nos dará a fôrça necessária. Reveja na lição sôbre a expiação de Cristo, o pensamento de que uma pessoa não está isenta do pecado. Qualquer pessoa erra. Jesus sofreu por nossos pecados e para que pudéssemos nos arrepender. Leia o que Êle disse em D&C 19-16. Faça o comentário de que Jesus está falando aos povos das Américas, exortando-os a se arrependerem e aceitarem Sua ajuda. Jesus está tentando protegê-los do tipo de sofrimento que Êle conheceu. Essa escritura deverá ser lida com espírito de amor.

Convide o filho mais velho para ler no Livro de Mórmon, 3 Néfi 9:13-15; 21-22. Jesus está exortando o povo a seguí-lO. Releia os versículos que nos mostram como poderemos chegar a Êle (13,22).

7. *O arrependimento continua por tôda a vida*

Alguns membros da Igreja crêem que se uma pessoa quer ser convertida ao evangelho, deve apenas arrepender-se e nada mais.

Entretanto, entrar na Igreja é o começo para o arrependimento, pois êle é a base de todo crescimento espiritual.

Verifique se os familiares compreendem esta afirmação; isto poderá ajudá-lo:

Pergunte: Por que a fé é o primeiro princípio do evangelho de Jesus Cristo e o arrependimento o segundo? (A lição da semana passada nos dá um retrospecto dessa discussão.) Quando as pessoas desenvolvem a fé em Cristo, reconhecem seus erros e não desejam repetí-los. Isto é arrependimento. Mas as pessoas não se tornam perfeitas de repente, pois seu crescimento espiritual é gradual. Durante tôda a nossa vida praticamos faltas e se não nos arrependemos delas, não poderemos voltar ao Pai Celestial para recebermos a vida eterna.

8. *O arrependimento precede o perdão*

Deixe os familiares se expressarem sôbre esta questão: Quais os resultados do verdadeiro arrependimento? (Se não fôsse pela expiação de Cristo, o arrependimento não nos livraria dos nossos pecados; devido ao Seu sofrimento e morte, estamos isentos de todos os pecados e se nos arrependemos seremos abençoados. Peça à mãe para ler D&C 58:42. Êste versículo será colocado no gráfico, para memorização durante a semana. O perdão de nossos pecados é um glorioso dom de Deus e Jesus Cristo. É a razão pela qual herdaremos a vida eterna e é a razão por que nos sentimos tão felizes depois que nos arrependemos.

9. *Aprenderemos a praticar o princípio do arrependimento*

Os membros da família deverão se lembrar de alguma coisa que não fizeram direito, e da qual não se arrependeram. Pergunte-lhes:

Pensa no êrro e sente-se tranqüilo?

Acha que não foi por sua culpa?

Acusa outra pessoa como causadora do êrro praticado por você?

Gostaria de arrepender-se do que fêz?

Repita os passos para o arrependimento e peça para cada um refletir sôbre êles. Se algum dos filhos precisa de ajuda para decidir-se, deverá falar com o pai ou a mãe. Talvez seja necessário que êle escreva todos os passos numa fôlha de papel e conforme fôr atingindo cada um, êste será riscado.

Diga-lhes que no início da próxima lição falarão sôbre o arrependimento. Nessa semana, os mesmos deverão tentar encarar seus erros, sem escondê-los. Encoraje-os a admitir suas faltas, suprimindo a tendência de censurar os outros por suas próprias ações. Os pais também deverão trabalhar nesta designação, talvez mais do que os filhos, pois muitos adultos não praticam o princípio do arrependimento. Alguns de seus preconceitos e rancores podem ser o resultado de erros que nunca foram corrigidos. Os pais sòmente poderão ajudar os filhos na medida que êles próprios praticarem o princípio do arrependimento. Quando seus filhos virem até vocês e confessarem algum êrro, não fiquem zangados e não os desaprovem. Contem-lhes que estão sentidos com o que fizeram, mas digam-lhes também que ficaram alegres com o seu arrependimento. Ensinem seus filhos a não acusarem outras pessoas injustamente, culpando-as do que não fizeram; é bem melhor encarar o êrro praticado, arrependendo-se dêle. Antes da oração de encerramento diga-lhes que seu crescimento será refletido na maneira de orarem, por isso deverão demonstrar apreciação pelo princípio ensinado hoje.

PROGRAMA SUGERIDO

1.ª semana

Hino: Se houver uma escolha, n.º 81.
Oração:
Lição: Jesus ensinou o arrependimento.
Objetivo: Ajudar os familiares a se arrependerem dos erros, pois essa atitude resulta em paz e alegria nesta e na vida futura.
Número Musical: A chuva, n.º 91, pelas crianças.
Memorização: D&C 58:42.
Atividade: Regar as plantas.
Hino: Vinde a Cristo, n.º 131.
Oração:
Lanche: Bôlo de chocolate.

2.ª SEMANA

JESUS ENSINOU A PERDOAR O PRÓXIMO

Introdução:

Inicie a lição com esta pergunta:

Por que o princípio do arrependimento é uma das maiores bênçãos que o Senhor nos deu? Saliente o ponto de que não importa o que a pessoa tenha sido, se ela se arrepender, será perdoada. Peça aos membros da família para falarem sôbre suas experiências durante esta semana, com respeito ao arrependimento.

Lição:

1. *Perdoar o próximo é parte do arrependimento*

Esta é uma parte que não foi discutida a semana passada. Peça à família para ler Mateus 6:12. Pergunte-lhes o que Jesus queria dizer com essas palavras. Será que era para esquecermos de receber o dinheiro dos que nos devem? Desenvolva o pensamento de que significa que pedimos para perdoar os nossos erros sòmente se perdoarmos os dos outros. Jesus desejava que compreendêssemos essa verdade; Êle repetiu-a tão logo terminou Sua oração. Peça para um filho ler Mateus 6:14-15.

Certifique-se de que os familiares tenham entendido o significado dêsses versículos. Deixe alguém explicar que transgressão significa êrro, pecado. Peça-lhes para repetir o versículo D&C 58:42, memorizado na última semana.

Discutir: O que o Senhor nos diz quando comparamos Mateus 6:14-15 com D&C 58:42? Saliente êste ponto: desde que Jesus perdôa os que se arrependem, e não o faz para os que não perdoam os erros de seu próximo, não nos arrependeremos totalmente se não perdoarmos os que nos magoaram.

Adicione aos passos para o arrependimento, mencionados na lição anterior, o seguinte tópico: Perdôe aquêles que o ofendem.

A pessoa que realmente se arrepende torna-se contrita devido ao êrro praticado; ela possui o espírito de amor e também perdoa os que erraram. Para melhor ilustrar êste ponto, peça a alguém para contar com suas palavras a história encontrada em Mateus 18-23-35. Depois da história, discuta sôbre o assunto: Naqueles dias as pessoas eram vendidas como escravas, para pagar suas dívidas; o que aquêle homem fêz quando o rei tentou vender sua espôsa e filhos? Se vocês fôssem aquêle homem, o que sentiriam quando o rei perdoasse a dívida? (Gratidão e felicidade.)

Acham que o servo estava triste e arrependido pela dívida e por não poder pagar o mestre, que tinha direitos sôbre êle? (Dê um fundamento à sua resposta.)

O que o tratamento para com o servo mostrou ao homem? (Que êle não tinha

o espírito do arrependimento e perdão.) Essa história também mostra que não seremos perdoados, a menos que perdoemos os que pecaram contra nós. Devemos perdoar o próximo, se desejamos ser perdoados.

Repita novamente que o Senhor prometeu perdoar nossas transgressões para com Êle na medida que perdoamos as transgressões de nossos semelhantes com relação a nós próprios. Peça à família para abrir suas Bíblias em Mateus 6:9-13, na Oração do Senhor; observe como é curta. Jesus considerou o perdão tão importante que duas das doze linhas rogam pelo espírito do perdão.

Depois, encerre a oração salientando novamente a importância de perdoar, para que não haja desculpa da não compreensão do princípio. Peça a cada membro da família para pensar em alguém, preferìvelmente da própria família, que foi indelicado ou injusto e que nunca tentou corrigir-se, pedindo perdão. Essa pessoa sabe que devemos nos amar uns aos outros e deseja seguir a Jesus, pois sua consciência a acusa.

Suponhamos que domingo se aproxima e ela pretende pagar o dízimo (ou qualquer outra oferta). Sabendo não ter agido certo, será que pagar uma obrigação à Igreja a fará sentir-se melhor? Deixe cada um responder e depois pergunte: você pode fazer o seu sentimento de ódio extinguir-se por êsse processo? O ofensor arrepende-se do ato dando uma contribuição à Igreja? Vejamos o que Jesus disse a êsse respeito, em Mateus 5:23-24.

Há muitos anos atrás um homem dirigia-se para a casa do bispo, a fim de pagar o dízimo. No trajeto, lembrou-se da passagem acima, pois seu coração estava cheio de raiva devido à discussão que tivera com um vizinho; naquele momento compreendeu que deveria sentir-se diferente com relação ao vizinho, antes de fazer a oferta ao Senhor. Voltou, foi à casa do vizinho, desculpou-se das palavras ásperas que pronunciara. O vizinho também estava sentido pelo que lhe dissera. Cada qual pediu desculpas e voltaram a sentir a amizade de antes.

Depois disso o homem dirigiu-se à casa do bispo com o coração rejubilante, sabendo que o Senhor aceitaria sua oferta.

Faça a família compreender que para corrigirmos um êrro, devemos ir à pessoa ofendida e pedir perdão.

2. *Ambos os lados são culpados*

Ajude a família a perceber que não importa o quanto uma pessoa sente por ter sido ofendida, se ela deseja seguir a Jesus deverá perdoar a pessoa que a maltratou. Como seguidores de Cristo, temos a obrigação de perdoar, apesar das circunstâncias. (Discuta o porquê.) Apesar de perdoarmos, muitas vêzes continuamos a sentir que estávamos certos e a outra pessoa não. Leia o que o Senhor disse sôbre isso através do Profeta Joseph Smith, em Doutrina e Convênios 64:9-11.

Observe que através desta escritura, podemos ver que ninguém está isento de pecar. Pergunte: "Por que estamos em condenação diante do Senhor se não perdoamos uns aos outros? (O fato de não perdoarmos é maior do que o pecado praticado contra nós. O rancor que sentimos por quem nos ofendeu é pecado que corrompe nossa alma; êsse sentimento não nos torna infelizes, mas nos afasta do Pai.)

O versículo 9 da escritura acima deverá ser copiado e memorizado durante a semana.

3. *Quantas vêzes devemos perdoar?*

Pergunte: Como deveremos agir se a pessoa que perdoamos nos ofender novamente? Diga-lhes que uma pergunta parecida foi feita a Jesus, tendo Êle respondido: "Se teu irmão pecar, vai argüí-lo entre ti e êle só." E isso tinha o propósito de fazê-los amigos novamente. Leiam em Mateus 18:21-22 a pergunta feita por Pedro.

Discutir: o que Jesus quis dizer com "perdoar setenta vêzes sete" e não mais? Depois dos familiares responderem, saliente o ponto de que tantas vêzes quantas formos ofendidos deveremos perdoar. Faça-os compreender que muitas vêzes não refletimos quando dizemos alguma coisa e desejamos ser perdoados cada vez que isso acontece.

4. *O Salvador estabeleceu o exemplo do perdão*

Convide a família para relembrar as ocasiões em que Jesus perdoou as pessoas que O maltrataram. Algumas dessas ocasiões foram discutidas nas lições anteriores. Reveja, na lição "Jesus nos ensinou a amar uns aos outros", o êrro de Pedro para com Jesus; na lição "Devemos ter fé no Senhor Jesus Cristo", Paulo foi perdoado por haver perseguido os seguidores de Jesus; na lição "Jesus expiou por nossos pecados", apesar de Alma pregar contra Jesus, foi perdoado e tornou-se um grande missionário. Para complementar a explicação, leia Lucas 23:33-34.

5. *Aprendendo a perdoar*

Peça para a família responder:

Há alguém na família que lhe fêz algo de mal? Há alguém que magoou seus sentimentos? É fácil para você perdoar alguém que lhe fêz uma ofensa?

A seguinte narração mostra que não é fácil perdoar; pessoas de qualquer idade tirarão proveito dela, não apenas as crianças.

Em seu aniversário, Leonora ganhou um lindo cachecol azul, que combinava com o seu casaco e também com seus olhos. Quando foi à Escola Dominical com êle, sua professôra a elogiou muito, dizendo que estava bastante elegante. Quando chegou em casa, ela o dobrou e colocou na gaveta. Uns dias mais tarde, sua mãe pediu-lhe para fazer uma compra; quando foi buscar o cachecol a fim de sair com êle, pois estava bem frio, não o encontrou. Sua mãe prometeu que quando voltasse, a ajudaria a procurá-lo.

Depois de Leonora haver voltado, foram procurá-lo e o acharam tão sujo e amarrotado que sua mãe ralhou com ela, dizendo que era uma menina muito descuidada; naquela noite, Leonora perguntou à irmã mais velha se o tinha visto, mas Júlia negou. No dia seguinte, quando ia à loja com sua mãe, encontrou a amiga Marta, que lhe perguntou se estava zangada com Júlia sôbre o cachecol. Disse-lhe ainda: "Sabe, ela não teve culpa, pois os meninos o pegaram e pisaram nêle e nós não pudemos tirá-lo de suas mãos. Júlia ficou muito triste, porque êle era nôvo e muito bonito."

Peça aos membros da família para se colocarem no lugar de Leonora e pergunte-lhes: Seria fácil para vocês perdoarem a Júlia? Diga-lhes para refletir sôbre um acontecimento parecido com êsse, perguntando-lhes se seus sentimentos foram de tristeza ou ódio. Ajude-os a compreender que se tiverem fé em Cristo, isto lhes dará fôrça para não agirem assim. A família deverá perdoar àqueles que lhes parecem injustos. Planejem juntos como irão fazê-lo. Peça para cada um dar a sua sugestão. Escreva no gráfico as que forem mais interessantes e acrescente estas:

A. Tente se aperfeiçoar, como foi exortado por Jesus, pois Êle estabeleceu o supremo exemplo do perdão. Devemos nos tornar como Êle se quisermos ter felicidade e vida eterna.

B. Mantenha-se moderado até que a raiva passe. Quando nos desentendemos, temos a tendência de falar rìspidamente e o que falamos sòmente poderá piorar a situação.

6. *Orando pela orientação do Senhor*

Satanás não deseja que perdoemos, e assim fazendo estamos indo em sua direção; precisamos da ajuda do Senhor para seguirmos a Jesus. Devemos considerar que, algumas vêzes, ajudamos a criar o problema; não estamos tão isentos de culpa como pensamos. Mesmo Leonora, em nossa história, tinha parte da culpa. Com freqüência, usava os pertences de Júlia sem permissão. Certa vez levou um jôgo de Júlia à casa da vizinha para brincar, e lá perdeu uma das peças.

Tentar considerar o ponto de vista de outra pessoa nos ajuda a encarar a culpa que realmente é nossa. Ajudará Leonora a compreender e perdoar Júlia por haver usado seu cachecol.

Quando procuramos, com palavras de amor e bondade, expressar o pesar pelas palavras indelicadas que pronunciamos, estamos nos arrependendo, e em conseqüência, seguindo os ensinamentos de Jesus. Os sentimentos são contagiosos, sendo de ódio ou de amor. Nosso espírito de amor aquecerá o coração da pessoa e ela sentirá amor por nós.

A parte do verdadeiro perdão é esquecer o incidente; se meditamos sôbre êle, continuaremos a sentir rancor.

7. *Ação positiva nas vidas dos membros da família*

Após os comentários sôbre o perdão, discuta o seguinte:

Na lição de hoje aprendemos qual a importância do perdão. Aprendemos que não perdoar é pecado e discutimos alguns passos que nos poderão guiar a perdoar os que nos ofenderam. O que poderemos fazer esta semana para mostrar ao Senhor que compreendemos o princípio de perdão, sendo capazes de perdoar o próximo? Peça-lhes sugestões e determine o modo pelo qual as colocarão em prática durante a semana.

A designação desta semana é a de sobrepujar os sentimentos de inimizade, procurando demonstrar o espírito de perdão. Se fôr necessário, deverão executar os passos da lição anterior. Cada um escreverá seu nome numa fôlha de papel e copiará os passos que deve executar para aprender a perdoar. À medida que os atingir, deverá riscá-los; quando fizer isso com todos, saberá que perdoou a outra pessoa e os dois estimam-se novamente. Também poderão pensar em pessoas fora do círculo familiar. Os pais deverão encorajar os filhos a discutir com êles os problemas que surgirem, com respeito a perdoar alguma pessoa. Para o sucesso desta designação, as crianças precisam de interêsse e sábia orientação por parte dos pais. Os adultos também precisam ser sinceros consigo próprios, verificando se têm alguém a perdoar. Freqüentemente os pais precisam de experiências semelhantes, tanto quanto os filhos.

PROGRAMA SUGERIDO

2.ª semana

Hino: A luz divina, n.º 184.
Oração:
Lição: Jesus ensinou a perdoar o próximo.
Objetivo: Ajudar os familiares a perdoarem as faltas do próximo.
Número Musical: (pelos pais) Sôbre o Dia da Criança.
Memorização: D&C 64:9.
Atividade: Colorir figuras.
Hino: Perdão, n.º 62 — As crianças cantam.
Oração:
Lanche: Misto quente com refresco.

●

3.ª SEMANA

O PERDÃO SIGNIFICA FELICIDADE E CRESCIMENTO ESPIRITUAL

Introdução:

A lição mostra como o perdão faz bem a quem perdoa e leva a um comportamento semelhante ao de Cristo.

Os familiares deverão repetir a passagem memorizada esta semana. Discuta os resultados da designação para a semana, na qual os mesmos tentaram aplicar o que aprenderam sôbre o perdão. Se alguém teve dificuldade em cumprir a designação, poderá conversar com os pais sôbre o assunto. Pergunte aos membros da família se aprenderam algo de nôvo sôbre si próprios, bem como sôbre os outros familiares.

Notaram alguma diferença em suas relações com os outros membros da família? Como se sentiram depois de perdoar alguma pessoa? Nesta lição aprenderemos o efeito do perdão sôbre a pessoa que perdoa.

Lição:

1. *Não perdoar é uma atitude negativa*

O que é rancor? Comente que não é incomum as pessoas sentirem rancor por alguém que as magoou, mesmo que tenham se arrependido. Satanás não deseja que perdoemos, mas não foi isto que Jesus ensinou a Seus seguidores.

Peça aos membros da família para examinarem o recôndito de seu coração, verificando se não sentem rancor por alguém. Deixe-os explicar como se sentem.

Certa vez, um sábio disse sôbre o rancor: "Nada nos leva tão rápido à destruição como o rancor. É como veneno." Discuta porque isto é verdadeiro.

Para sermos felizes, devemos respeitar a nós próprios. Quando sentimos rancor, desejamos nos vingar, desejamos prejudicar o próximo. Mas se queremos seguir a Cristo, sentiremos que essa atitude não está de acôrdo com os Seus ensinamentos.

2. *O perdão traz alegria à pessoa que perdoa*

Dos incidentes abaixo, escolha o que melhor se aplica à sua família:

Um homem proeminente foi excomungado da Igreja. Anos mais tarde, pediu para ser batizado novamente. O Presidente Taylor consultou os apóstolos, declarando que, se por unanimidade consentissem no seu batismo, isso seria feito, mas se houvesse um voto contra, o homem não poderia ser readmitido na Igreja. A votação foi de 5 contra 7. Um ano mais tarde a questão foi levantada, sendo 8 contra 4 o resultado da votação. Finalmente, todo o conselho dos apóstolos votou a favor, com exceção dêste seu humilde servo. Mais tarde, fui ao escritório do Pres. Taylor e êle me disse:

"Herbert, não compreendo que onze dos apóstolos tenham consentido no batismo dêsse irmão e que só você não o fêz. Como vai sentir-se quando permanecer do outro lado e encontrar tal homem pedindo o batismo e descobrir que talvez o tenha impedido de receber alguma recompensa?"

Respondi-lhe que honestamente sabia porque o fizera. Disse-lhe ainda que se conseguisse mudar minha opinião, ficaria grato por isso e que votaria alegremente para que o homem retornasse. "Entretanto", disse-lhe, "enquanto viver não darei meu consentimento, se isto fôr deixado a meu critério.

Anos atrás, depois de acusado diante dos apóstolos, êle continuou a mentir e clamar que era inocente. Penso que a Igreja cairá no desagrado, deixando êsse homem voltar."

"Bem, meu rapaz", respondeu o Pres. Taylor, "não vote a favor dêle enquanto possuir essas idéias na cabeça".

Fui para casa e peguei o livro Doutrina e Convênios para ler; quando o abri li na seção 64:9-10. (Peça para um filho ler.)

Depois do almôço, voltei ao escritório do Pres. Taylor e disse: "Meus sentimentos sofreram uma transformação. Há uma hora atrás eu disse que nunca consentiria no batismo dêsse irmão, mas vim dizer-lhe que êle deve ser batizado."

"Meu rapaz", disse-me êle, "a transformação foi rápida, muito rápida. Como se sentiu, quando deixou-me há uma hora atrás? Desejou bater nêle?" Respondi-lhe afirmativamente. E êle disse: "Antes você estava com o espírito de raiva, mas agora tem o espírito do perdão e sente-se feliz, não é?" Eu lhe disse que sim, que êle tinha tôda a razão, pois pude sentir a transformação: perdão em lugar de raiva e amargura." (Golpel Standards by Pres. Heber J. Grant)

A segunda é a história de José, cujos irmãos o venderam. Leia Gênesis 37,42,43,44,45,50:15,21. Saliente a alegria de José quando viu seus irmãos e deu-se a conhecer depois de prová-los. Discuta o que indica essa alegria. Verifique se a família compreendeu que a alegria de José sòmente foi possível por ter perdoado seus irmãos. Deixe os filhos avaliarem como José se sentiria e agiria se tivesse rancor.

3. *Perdoar como Jesus perdoou*

Se você usar a história do Pres. Grant, pergunte à família qual atitude foi mais cristã e porquê. No entanto, se preferir a história de José, discuta se o seu procedimento, em relação aos irmãos, foi cristão. Leia Gênesis 45:2-7,15.

Peça aos familiares que avaliem o procedimento das pessoas nas seguintes histórias; use apenas as que poderão ser aplicadas à sua família:

A. Laura e Lia eram candidatas ao concurso de "Miss Talento" da escola. Laura era bem popular; Lia não o era tanto, pois freqüentava aquêle colégio há pouco tempo, mas mesmo assim tinha muitas chances de vencer. Laura ficou preocupada por causa da rival e tentou diminuí-la propositalmente.

Depois das eleições, quando os votos foram contados, verificou-se que Laura vencera por unanimidade. Quando soube disso, Lia dirigiu-se imediatamente à vencedora, e depois de cumprimentá-la, disse-lhe que a apoiaria sempre.

Discuta: O que pensam a respeito da conduta de Lia? Laura deveria fazer o mesmo, para se aproximar de Jesus?

B. As senhoras Aguiar e Martins eram vizinhas em uma cidade do interior. Em certa ocasião, houve um desentendimento entre elas. A senhora Aguiar dizia que a outra deixara os frangos escapar, arruinando todo o seu jardim. Por causa disso não conversavam.

Certo dia a senhora Aguiar escreveu uma carta ao jornal local, mencionan-

do o seu caso, mas sem citar nomes. Assinou apenas "Vizinha Maltratada". Quando a senhora Martins leu a carta publicada no jornal, pensou: "Eu a compreendo, pois tenho o mesmo problema." Escreveu uma carta em resposta, assinando-se "Amiga compreensiva." O jornal tinha uma seção onde os leitores se correspondiam sem precisarem ser identificados. A Vizinha Maltratada e a Amiga Compreensiva encontraram muitas coisas em comum através de sua correspondência de vários anos.

Repentinamente a senhora Martins faleceu e a vizinha, apesar de sentir que não a apreciava, resolveu ir vê-la. O senhor Martins agradeceu sua vinda, e como ela se oferecesse, aceitou que limpasse a casa. Enquanto tirava o pó da escrivaninha, abriu uma gaveta, deparando com cartas que lhe pareceram familiares; examinou melhor e viu que eram suas próprias.

"Quão tôlas fomos", pensou, "poderíamos ter sido grandes amigas todos êsses anos!"

Discuta:

Se essas duas senhoras tivessem seguido os mandamentos de Cristo, como deveriam ter agido na ocasião do desentendimento? (Se tivessem perdoado uma à outra, ambas teriam uma vida mais feliz e mais próxima de Cristo.)

4. *Nossa família aprenderá a perdoar*

Relembre os incidentes em que sua própria família demonstrou o espírito de perdão. Comente qual o comportamento que se assemelhou ao de Cristo, trazendo um sentimento feliz para a pessoa que perdoou. É muito importante que nos tornemos como nosso Pai Celestial e Jesus Cristo.

Peça para cada membro da família pensar em alguém por quem tenham ressentimentos; poderá ser alguém de fora. No decorrer da semana, cada um deverá sobrepujar o sentimento negativo sôbre essa pessoa. Não é preciso que contem aos outros qual o seu nome. Verifique se sua família aprendeu, que apesar de sabermos não ser certo sentirmos rancor por alguém, às vêzes é difícil não fazermos isso. Relembre algum fato acontecido na família, que possa ilustrar o exemplo.

Leia Mateus 5:44 e depois coloque essa escritura no gráfico, para ser memorizada durante a semana.

Se algum filho encontrar dificuldade em perdoar a pessoa sôbre a qual tem sentimentos negativos, aconselhe-o a executar os seguintes passos:

- Ore por essa pessoa.
- Faça uma lista de suas qualidades.
- Cumprimente-a por essas qualidades.

Dê uma fôlha de papel a cada um, pedindo-lhes para pensar agora mesmo em algo de bom sôbre a pessoa. Durante a semana, deverão acrescentar mais coisas sôbre quem escolheram. Se fôr uma família com quem não se dão bem, poderão trabalhar em conjunto a fim de obterem o espírito de perdão para com os seus membros.

PROGRAMA SUGERIDO
3.ª semana

Hino: Deus dá valor, n.º 76.
Oração:
Lição: O perdão significa felicidade e crescimento espiritual. Objetivo: Ajudar os familiares a perdoarem todos aquêles que os ofenderam.
Poesia: Sôbre o Dia da Criança, pelo filho mais velho.
Memorização: Mateus 5:44.
Atividade: jôgo do Progresso.
Hino: Falemos palavras amáveis, n.º 6.
Oração:
Lanche: Sonho.

Nota:

O Jôgo do Progresso chegou ao fim; a atividade desta noite será a contagem dos pontos conseguidos por cada participante.

O primeiro e o segundo colocado deverão receber um brinde, que poderá ser um livro, balas, etc.

●

4.ª SEMANA

PERÍODO DE ATIVIDADE FAMILIAR

Introdução:

Se os pioneiros mórmons não houvessem sacrificado seus bens para irem em direção ao desconhecido, talvez não tivéssemos o evangelho restaurado. Por ser tão precioso, devemos dedicar algum tempo para falar dos que o preservaram para nós.

O objetivo dêste período de atividade é torná-lo interessante e agradável, bem como dar aos familiares o ensejo de uma apreciação sôbre os pioneiros.

Antes de iniciar o programa, certifique-se de que a família compreende o seguinte:

- A razão de honrar os pioneiros. (Observe que êles preservaram o evangelho restaurado para nós.)
- Os acontecimentos que os levaram a deixar sua bonita e próspera cidade de Nauvoo, indo para o deserto agreste.

Eis um resumo dos fatos:

Depois do martírio de Joseph Smith, em 1844, não houve mais atos de violência contra os mórmons. Os inimigos acreditavam que êles abandonariam a religião e que a Igreja seria extinta. Entretanto, isso não aconteceu; aproximadamente um ano mais tarde, o espírito anti-mórmon renasceu, ficando evidente que tentariam expulsar os santos da cidade. Para não envolver o povo numa guerra civil, resultando a morte de muitas pessoas, os líderes da Igreja decidiram-se a mudar para o oeste, onde estabeleceriam uma comunidade e viveriam sem molestações.

1. *Planejando a atividade*

A experiência pioneira poderá ser contada ou lida. A seguir, apresentamos alguns excertos de diários de pioneiros; êste é do diário de Nelson W. Whipple:

"Certa manhã, um homem chamado Samuel Smith, usando o meu rifle, matou um veado, mas não chegou ao acampamento até a hora de sairmos e por isso não pudemos cozinhar a carne, a não ser quando chegamos ao Garden Grove, ao meio dia, perfazendo o total de três dias e meio sem alimento. O Irmão Davis disse que eu não parecia muito bem. Respondi-lhe que estava perfeitamente bem, mas não comera nada durante três dias. Levantou-se e continuou seu caminho e eu me sentei, esperando que a caça fôsse preparada. Vi o Presidente Young vindo em minha direção e tão logo chegou, disse: "Acho que você fêz algo de errado." Isso me fêz refletir sôbre o que poderia ser, mas não consegui adivinhar o que seria. Êle me disse que o Irmão Davis havia contado o que eu fizera, acrescentando que eu errara em não contar a êle próprio.

Repliquei que êle já tinha bastante gente para alimentar, mas êle interrompeu, dizendo: "Eu tenho o suficiente agora e quando acabar sei que encontrarei mais." Disse-me ainda que precisava alimentar aquêles que trabalhavam e faziam o melhor que podiam, e êle tinha visto em mim o desejo de trabalhar, pois sempre estava onde houvesse algo a ser feito. "Venha", disse êle, "à minha tenda e terá o suficiente para comer." Peguei um saco e o segui. Êle o encheu de biscoitos d'água. (Feito de farinha de trigo, água e sal; era amassado devagar e depois assado; algumas vêzes é chamado de "biscoito de marinheiro".) O Presidente Young disse-me que quando acabassem, eu poderia ir buscar mais.

Êste foi um ato de bondade do qual nunca esquecerei. Com a carne de veado, os biscoitos ficaram gostosos e não passamos fome até agora."

Dias depois escreve:

"Minha parelha é uma boa junta de bois, emprestada por um amigo, e também uma junta de vacas, um carroção leve e um excelente equipamento para a jornada. Minhas vacas nunca haviam sido atreladas e não iam muito bem, é natural, mas logo aprenderam. Depois de alguns dias os Irmãos O. Hyde e Joseph Young vieram examinar nosso equipamento e nos organizaram em capitães de 10, 50 e 100 carroções. Havia ao todo 105. Atravessamos o rio muito bem, sem acidentes, exceto por uma vaca muito gorda que pulou precipitadamente, virando nossa balsa e causando-nos um afastamento da margem, a qual conseguimos alcançar logo depois. No lugar onde paramos havia doença e mortes. Fiz todos os caixões para os que morreram e os enterrei; os caixões eram feitos de nogueira e exigiam muito tempo para a execução. A espôsa do Irmão Norris morreu em conseqüência de um tiro de canhão proveniente da turba de Nauvoo. Essa irmã tinha uma criança, que morreu na mesma ocasião; eu os coloquei no mesmo caixão e os enterrei juntos."

Isto foi escrito na noite anterior à chegada ao vale:

"Estava molhado até os quadris, pois tive de arrastar os novilhos que haviam escapado. Depois de havermos acampado, durante a noite, nos reunimos e começamos a dançar; entretanto, logo

depois fui para a cama, ansioso por despertar na manhã seguinte e ver o que estava diante de mim."

Na manhã seguinte escreve:

"Vi uma pequena parte do Grande Lago Salgado e o lugar sombrio e desolado. Os meus sentimentos foram singulares quando refleti sôbre as condições dêste punhado de gente, distante milhas e milhas da civilização e entregues a si próprios nesta região estéril."

Ursulia B. Haakel descreve o carroção onde viajava:

"Descreverei nossos carroções na medida do possível. Meu desejo é que saibam exatamente como são. O nosso é comprido e suficientemente espaçoso para colocar nossas camas, feitas de caixotes... está pintado de vermelho e tem 8 arcos e uma grande gaiola com 4 galinhas. O carroção está coberto com uma lona pesada, que resiste às tormentas e deixa passar sòmente algumas gotas de chuva."

2. *Outras sugestões*

Se possível, mostre a gravura de um carroção aos filhos, se não estiverem familiarizados com a aparência dêsses veículos. Explique que os arcos mencionados na narrativa acima são estruturas de madeira, atarrachadas aos carroções antes de serem cobertos com a lona.

Peça a um filho para contar quais os deveres dos vários membros de uma família pioneira. A pessoa que está narrando poderá fazer isto mais real, dizendo para a mãe: "Se você fôsse pioneira teria de..." e poderá proceder assim com o resto da família.

Eis uma lista do que a família pioneira tinha de fazer quando parava à noite, para acampar:

Pai:

Fixar tendas.
Retirar os utensílios de cozinha do vagão.
Achar um lugar para os animais.
Caçar ou pescar.
Consertar o equipamento do carroção.
Fazer fogo.
Revezar-se na vigilância durante a noite, enquanto os outros dormiam.

Mãe:

Fazer as camas.
Cozinhar ao ar livre.
Lavar os utensílios de cozinha.
Supervisionar as crianças em seus afazeres.
Lavar e remendar as roupas.
Fazer pão.

Filhos:

Procurar gravetos para o fogo.
Ajudar a desatrelar os bois.
Buscar água no riacho ou fonte.
Vigiar os animais para não irem muito longe.
Olhar as crianças menores quando a mãe estivesse ocupada.
Ajudar os pais.

3. *História do hino "Vinde ó Santos"*

Antes de cantar, conte à família alguns trechos do diário de William Clayton, que escreveu essa famosa canção.

PROGRAMA SUGERIDO

4.ª semana

Hino: Fiz hoje algum bem? n.º 72.
Oração:
Período de atividade familiar: Canções e discursos sôbre os pioneiros.
Breve resumo dos acontecimentos que causaram o êxodo de Nauvoo.
Hino: À escolha.
Oração:
Lanche: Rebuçado.

O Irmão Clayton vinha num grupo mais à frente, pois sua espôsa estava viajando mais vagarosamente, em virtude do bebê que poderia nascer a qualquer momento; êle descreve sua grande preocupação por ela:

"Quarta-feira, 15 de abril. Na noite passada levantei para observar, não havia nenhum guarda. O gado e os cavalos haviam quebrado as tendas e carroções.

"Hesitei e chamei as Irmãs Hales e Kimball. Esta manhã, Elen Kimball cumprimentou-me, dizendo que Diantha tivera um menino. Disse-lhe que temia por ela. Contou-me que os Ponds haviam recebido uma carta. (Enviada por um membro da família Pond que vinha mais atrás.) Dirigi-me até lá e êles disseram que Diantha havia tido um menino no dia 30, mas estava com febre intermitente e caxumba. Regozijei-me pelo menino, mas fiquei preocupado por causa da doença... à noite, fizemos uma reunião muito agradável em minha tenda... o tempo estava bom, mas choveu um pouco à noite. Os cavalos de Henry Terry estavam perdidos e êle não conseguiu encontrá-los. Esta manhã compus uma nova canção, "Vinde ó Santos." Sinto-me agradecido ao Pai por meu filho e oro para que Êle proteja o menino e a mãe, para que possamos nos encontrar novamente."

Alguns dias depois, voltou para ver Diantha. E registrou:

"Diantha estava muito alegre quando me viu e chorou. Meu pequeno excede a tôdas as expectativas. Êle é sadio, bem formado... Oh, Senhor, abençoai minha Diantha e meu filho e preservai suas vidas na Terra para honrarem o Teu nome. Dá-nos uma jornada próspera, novamente é a oração do Teu servo, amém."

Os trechos acima mostram em que condições o hino foi escrito. Cantem-no com espírito de amor pelos pioneiros. Em várias lições falamos sôbre a importância da fé em nosso Pai Celestial e em Jesus Cristo. Dê ênfase ao fato de que a fé dos pioneiros lhes deu fôrça para abandonar o confôrto material e suportar as aflições da jornada, atravessando a planície para estabelecer vida nova na terra improdutiva, longe da civilização.

4. *Receita*

Se quiser, vocês poderão preparar juntos a bala que os pioneiros faziam. São receitas fáceis que poderão ser feitas por tôda a família, transformando a atividade em diversão.

Rebuçado

1 xic. de melado
1 1/4 xic. de açúcar
1 colher (sopa) de vinagre
1 colher (sopa) de manteiga
1/8 colher (chá) de bicarbonato
1/8 colher (chá) de sal

Misture o melado, o açúcar e o vinagre, leve-os ao fogo até ficarem em ponto de liga. Depois acrescente os ingredientes restantes. Derrame num tabuleiro e quando esfriar corte e enrole em papéis de sêda coloridos.

●

(cont. p. 19)

1. Aprenda a ouvir e compreender seus filhos e o que êles pensam da situação. Aceite que seu plano é bom, até provar o contrário. Pode ser justificado em suas decisões.

2. Não tente mudar as idéias de seus filhos com sermões. Se você se tornar ditador, hostil e difícil de perdoar, poderá provocar rebelião e forçar uma decisão imediata em que seu filho se sentirá obrigado.

3. Aceite seu filho como "êle é" e "onde está". Não admita que êle possua a maturidade e bom julgamento que gostaria que êle tivesse e crê ser o ideal para um filho possuir. Seja realista e prático em suas avaliações.

4. Sua responsabilidade é a de fazer planos *com* seus filhos, e não *para* êles.

5. Se seu filho não reconhece prontamente que as sugestões são apropriadas, ajude-o a pensar em seu problema e a tomar suas próprias decisões.

6. Reconheça seus próprios sentimentos, atitudes e preconceitos. Certifique-se de que as atividades prescritas para seus filhos sejam para seu benefício e não para fazer sua vida mais confortável.

7. Seu filho tem o direito de errar, de aprender através de experiências, e de exercitar a determinação própria. Se seu filho não chegar a conclusões que você acha mais adequadas, seria melhor deixá-lo experimentar e escolher um curso não inteiramente de seu agrado. Lembre-se de que em alguns casos, sòmente o pai tem a maturidade, a fôrça e a visão do futuro. Às vêzes, uma criança pode ser inflexível, por causa de frustração ou inadaptação. Sua ajuda e encorajamento — e não a condenação, hostilidade ou rejeição — serão de grande valor para ajudar a criança a aprender por suas próprias experiências e a usar um melhor julgamento.



AULA PARA O DIA DE TRABALHOS DE OUTUBRO

COMO ENCONTRAR A FELICIDADE

Objetivo:

Avaliar as medidas pelas quais a dona de casa poderá usar o que já possui, propiciando felicidade à família e a si própria.

Lição:

"A felicidade cresce em nosso lar e não pode ser tirada de jardins estranhos", escreveu Douglas Jerrold. "Não importa o tamanho do lar, não importa a nossa situação, a felicidade deve ser encontrada no que temos e no que somos. Podemos ver alguém dirigindo um bonito carro, ou podemos visitar a elegante casa de um amigo, mas, a não ser que tenhamos aprendido bem esta lição — que felicidade deve ser encontrada dentro de nossas próprias possibilidades — o sentimento de inveja poderá macular nossas almas, dissipando a felicidade.

Há alguns anos atrás, em uma cidade universitária, havia um grupo de estudantes, muitos dêles casados e com pequena família. Todos viviam sob as mais difíceis circunstâncias, trabalhando como zeladores, ensinando parte do tempo, costurando para outras famílias, economizando cada minuto para o estudo e dispendendo raros dias ou tardes para fazer as coisas mais simples, como recreação e entretenimento. Depois, êsses homens tornaram-se professôres, químicos, etc.; ainda hoje, todos falam com alegria daqueles dias em que seus recursos materiais eram escassos. Provàvelmente, êsse período tornou-se feliz devido à sua mente criativa e habilidosa.

Não importa quais sejam nossas condições sociais ou econômicas: poderemos encontrar a felicidade através de atividades, tais como emoldurar quadros, construir armários, tingir tapêtes, envernizar móveis, cuidar do jardim, etc.

Mesmo em lares que possuem relativo confôrto, as atividades trazem uma satisfação extra.

Meios financeiros limitados não significam, necessàriamente, a apreciação limitada da arte e da cultura. As bibliotecas não sòmente têm muitos livros, mas a maioria delas torna disponível a todos, bons discos e ótimas revistas, que poderão ser ouvidos e lidos no lar. As emissôras radiofônicas oferecem bons programas de música erudita. As grandes cidades sempre apresentam corais, sinfonias, pecas teatrais, etc.

As temporadas artísticas, com entrada franca são mais ou menos freqüentes. Os grupos de literatos estão em ação por tôda a parte. Conferências são ministradas freqüentemente, sôbre os mais variados assuntos, em muitas escolas e associações culturais.

Poderemos obter grandes oportunidades de nos instruirmos mais, sob a base da permuta de talentos — você me ensina piano e eu lhe ensino arte culinária. Ensine arte em troca de lições de costura: receba aulas de dança em troca de lições de oratória.

As visitas aos museus e galerias, zoológicos ou hôrtos trazem estímulo e interêsse. Uma família que goste de planejar, poderá sobrepujar qualquer limitação financeira. E que horas felizes poderão desfrutar!

Um dos grandes prazeres que uma família pode sentir é receber convidados. Para as atividades da noite familiar, convidem famílias amigas. Os vizinhos não-mórmons também poderão ser convidados e terão a oportunidade de apreciar a unidade familiar dos santos. Também as crianças serão beneficiadas com isso, pois aprenderão a receber pessoas e participar de uma conversação.

As refeições, nessas ocasiões, não precisarão ser custosas ou complicadas; apenas as sirva dentro de suas possibilidades, com certa habilidade e o fazendo tão graciosa e generosamente, que os convidados sentirão o calor da recepção e alegria por estarem presentes.

Certa família tornou tradicional servir sopa ao jantar, usando a sopeira e pratos que eram herança de família. A sopa era de verduras, ervilhas ou batatas. E ainda havia salada, pão e sobremesa.

Apesar das refeições serem baratas, as ocasiões eram sempre felizes.

Em sua autobiografia, o Dr. John A. Widtsoe, um antigo membro do Conselho dos Doze, escreve:

"Meu débito, devido aos anos de estudo superior era enorme; o salário pequeno. Desde que nem minha espôsa nem eu podíamos ir além do débito, nos acostumamos a substituir parte de nossa mobília por coisas provisórias. Ainda me lembro, com grande deleite, a maneira pela qual minha espôsa, não ligando às coisas, mesmo que fossem primitivas, alimentava e entretinha muitos convidados distintos, quer fôssem americanos, europeus ou asiáticos, recebendo-os com cortesia exemplar. Sòmente tratávamos de coisas intelectuais."

Através da Sociedade de Socorro, as irmãs são ensinadas a serem desembaraçadas, econômicas, habilidosas e satisfeitas com o que têm. E é nesses lares que a felicidade se faz mais evidente.

Winnifred C. Jardine

———— ○ ————

Na arte como na ciência, no fazer como no agir, tudo está em apanhar claramente o assunto e tratá-lo de conformidade com sua natureza.

GOETHE

A ignorância é o abismo da fé, porque a fé é um ato de inteligência.

CAMILO CASTELO BRANCO

É leviano o mundo. Não indaga. Julga pelos rumores e condena sem averiguar. Aprecia virtudes falsas e desconhece às vêzes o mais nobre proceder.

Todos procuramos ser felizes, mas infelizmente nem todos procuramos a felicidade, porque a buscamos naquilo que não a pode dar; nas grandezas que passam, não em Deus, fonte de todo o bem, de todo o ser, de tôda a vida.

(cont. p. 11)

E por quanto tempo dura essa fase? Depende da emoção durante a experiência e por quanto tempo a pessoa tenha sentimentos frustradores.

A regra geral é: quanto maior a emoção inicial, mais tempo durará o "condicionamento". Certas condições permanecem algum tempo para depois desaparecerem. Porém, encontramos pessoas que tiveram experiências na infância e continuam influenciadas por elas até a idade avançada.

Existem, é claro, muitas razões que fazem os santos dos últimos dias se afastarem da Igreja. Mas, no fundo de qualquer caso, encontraremos emoções desfavoráveis. Desde que o evangelho é bom e agradável às pessoas que o praticam fielmente, os sentimentos e atitudes dos membros inativos parecem particularmente irracionais. Coisa importante a conhecer é que, as pessoas podem desenvolver desgôsto em relação à coisas boas e êsse desgôsto controlará suas ações. Às pessoas assim condicionadas, coisas "boas" tornam-se "más".

Ao educar nossos filhos, podemos nos considerar afortunados quando conseguimos condicioná-los agradàvelmente às coisas boas e desagradàvelmente às coisas ruins. É muito mais fácil para as crianças se acondicionarem bem às coisas ruins de fora, do que não se adaptarem bem às coisas da Igreja. Por causa dessas experiências irracionais, as pessoas que sabem distinguir continuam a seguir seus sentimentos em vez de seus conhecimentos.

Existe alguma possibilidade de mudar as pessoas que se tornam contrárias à Igreja? Existe alguma esperança para João Lima? Depende de nossa compreensão do problema e de nossa habilidade em resolvê-lo. Se uma pessoa tem um conceito errôneo, mas nenhum sentimento contrário, é fácil mudá-lo, através de estudo, sermão ou exemplos. Contudo, se uma pessoa desenvolver um preconceito, sua mente não poderá ser fàcilmente persuadida.

Para as primeiras, o processo de esquecer a reação emocional é relativamente fácil. Por exemplo: uma nova família mudou-se para a vizinhança. A meninazinha andava na calçada, passeando, quando um cachorro que pertencia a um dos vizinhos derrubou-a no chão. No dia seguinte, a menina evitou voltar ao lugar do incidente, com mêdo do cão. No outro dia, vê um menino e uma menina brincando no quintal, com o mesmo cachorro. Pouco tempo depois, também estava brincando com êle. Seu mêdo foi esquecido. O processo de esquecimento foi acompanhado por uma experiência agradável.

Assim, a alegria que sentiu brincando com os outros meninos e o cão foi suficiente para apagar a emoção contrária, ou seja, o mêdo do animal. Mas nem todos os casos são assim fáceis de se resolver. A seguinte história ilustrará melhor êsse fato.

Dois psicologistas estavam experimentando uma criança. Queriam saber se podiam fazê-la sentir mêdo de algo que usualmente não a amedrontava. Como gostasse bastante de seu coelhinho branco, decidiram usá-lo na experiência. Colocaram-na num banco, ao redor do qual puseram uma tela. Por fora da tela colocaram um gongo. Enquanto um homem dava o coelho para a menina, o outro tocava o gongo. O barulho súbito assustou a menina e, tôda vez que lhe apresentavam o coelho, lembrava-se do barulho e afastava-se do mesmo, com mêdo. Depois de repetir esta cena quatro vêzes, os psicologistas viram que a menina se aterrorizava cada vez que o coelho estivesse perto.

A criança tivera uma experiência saturada de emoção, que produzira mêdo.

Não desejando que a menina continuasse a vida tôda temendo coelhos, os dois psicologistas quiseram curá-la do mêdo. Sabiam que seria muito mais difícil curar-lhe o mêdo, do que inculcá-lo. Sabiam que teriam de produzir um sentimento agradável em relação ao coelho, para que a menina cessasse de temê-lo. Ela gostava de sorvetes e então resolveram usá-lo para curá-la do mêdo. Colocaram a menina em uma mesa e o coelho numa gaiola, a uns cem metros de distância; mesmo a tal distância, a menina ficava perturbada por causa do animal. Mas deram-lhe uma taça de sorvete, a qual tomou àvidamente. O prazer de tomar o sorvete tendia a diminuir o sentimento desagradável a respeito do coelho.

Tiveram que trabalhar com cuidado. Durante vinte dias repetiram a ação, trazendo o coelho para distâncias cada vez mais próximas. Pouco a pouco o sentimento de prazer criado pelo sorvete anulou o mêdo do coelho. No vigésimo dia, os psicologistas sabiam que haviam sido bem sucedidos, quando encontraram a criança brincando com o coelho. Mas veja, quanto tempo demorou para apagar aquêle sentimento contrário. O mesmo acontece quando tentamos ativar os membros da Igreja.

Devemos, também a êsse respeito, ser cuidadosos quando tentamos recondicionar membros inativos. Quando colocamos graxa no suco de laranja, não fazemos com que uma criança aprenda a gostar de graxa. O que acontece é que ela passará a não gostar de suco de laranja.

A reativação dos membros realiza-se quando assistem reuniões do sacerdócio, reuniões sociais ou jantares que são agradáveis. Aos poucos o membro vai perdendo o antagonismo pela Igreja. Se o bom sentimento é bastante forte, o membro inativo muda de atitude.

Muitas vêzes a reativação é difícil; mas os santos dos últimos dias possuem uma fonte que é negada para quase todo o resto do mundo. Possuem o Espírito Santo. Não existe influência mais forte e efetiva do que o Espírito de Deus. É a mesma influência que ajuda os conversos da Igreja a mudarem suas vidas.

Os princípios de reativação de membros devem ser compreendidos por todos os líderes auxiliares, para maior efeito. Todos os esforços no sentido de reativação devem ser o mais agradável possível para o membro inativo. O Espírito Santo é a melhor ajuda, pois sem espiritualidade não haveria efeito.

Para resumir, os membros inativos devem ter adquirido um sentimento de indiferença e antagonismo em relação à Igreja ou algum líder ou pessoa ligada a ela. Não deverá haver respostas aos desafios, pois tal atitude não condiz com os meios de reativação.

Para transformar tais pessoas em membros ativos, precisamos mudar seus sentimentos. Para isto, temos que aplicar, por um longo período, sentimentos agradáveis que sejam suficientes para apagar qualquer outro sentimento contrário; em casos de teimosia, precisamos usar as técnicas de um conselheiro, acompanhadas por bastante espiritualidade. Com êste entendimento e estas técnicas, muitos poderão ser salvos da indiferença, reativando-se na Igreja.

Canção do Exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorgeiam,
Não gorgeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrêlas,
Nossas várzeas têm mais flôres,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sòzinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá.
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar - sòzinho, à noite -
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Não permita Deus, que eu morra,
Sem que volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá.
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Gonçalves Dias
Coimbra, julho de 1843.



Londres: Ponte da Tôrre

Não perca Nova York na sua viagem para a Europa!

Voe conosco!

Venha ver os novos *shows* da Broadway e as últimas novidades da moda na 5.ª Avenida. Divirta-se com óperas, concertos, museus de arte, night clubs... tudo! A Feira Mundial de Nova York abrirá novamente a 22 de abril. Então, por que não aproveitar tudo isso de passagem para a Europa?

Partem para Nova York cinco jatos por semana do Rio e de São Paulo. E você pode escolher entre vôos diurnos e noturnos em gigantescos e luxuosos Clippers*. Depois você continua para a Europa, na hora em que quiser. De Nova York à Europa, colocamos à sua disposição cêrca de 10 vôos por dia!

Do Brasil, os convenientes serviços da Pan Am lhe oferecem *uma escala* — via Nova York — para Londres e outras cidades do continente: Paris, Amsterdã, Francforte, Lisboa...

Você vai adorar a Pan Am! Refeições deliciosas. Soberbo atendimento. E a sensação de saber que escolheu a melhor: a linha aérea de maior experiência do mundo. Procure seu Agente de Viagens, ou venha visitar-nos:

Rio: Av. Presidente Wilson, 165-A - tel.: 52-8070
São Paulo: Rua São Luiz, 29 - telefone: 36-0191

A Linha Aérea de Maior Experiência do Mundo

Primeira na América Latina... Primeira sôbre o Atlântico... Primeira sôbre o Pacífico... Primeira ao Redor do Mundo.

* Marca Registrada

73.107

28 SEP 1965